

LUCIANA LABORNE VALLE DE CASTRO

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NO ESPAÇO PÚBLICO
TELEVISIVO:**

Um estudo de caso do programa *Saia Justa* do canal *GNT*

Belo Horizonte

2007

LUCIANA LABORNE VALLE DE CASTRO

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NO ESPAÇO PÚBLICO

TELEVISIVO:

Um estudo de caso do programa *Saia Justa* do canal *GNT*

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social, do Departamento de Ciências da Comunicação (DCC) do Centro Universitário de Belo Horizonte (Uni-BH), como requisito parcial para obtenção de título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Luiz Ademir de Oliveira

Belo Horizonte

2007

Antes do ponto final: O projeto ... Aos mestres, Vanessa Carvalho e Luiz Ademir a orientação e norteio. O processo... Minha prima Rê pelo empenho na obtenção do material de análise, você foi fundamental na totalidade do trabalho. A análise... Cássio e Jú pela compreensão. Fred, não só o vídeo, mas pelo carinho. Mãe sua paciência e até seu silêncio diante a confusão mais uma vez me alentaram. Pai, eu sei onde quero chegar e vou chegar! Os detalhes finais... meu amigo Ru. O resultado... Mais uma vez a meu orientador Luiz Ademir e a você, professor Luiz Henrique Magalhães. Foi serenidade e motivação. Paciência e minúcia. Foi o diferencial por acreditar. A todos que compreenderam a ausência e compartilharam dessa entrega ao aprendizado dedico este trabalho e o meu muito obrigada!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1 LINGUAGEM, REPRESENTAÇÃO SOCIAL E A CENTRALIDADE DA MÍDIA	8
1.1 Linguagem e representação social.....	8
1.2 A centralidade da mídia e o seu papel de referencial de mundo.....	16
2 TELEVISÃO E ENTRETENIMENTO	21
2.1 A televisão e suas fases	21
2.2 TV Geralista e a linguagem televisiva	24
2.3 Informação e entretenimento	27
3 IDENTIDADE FEMININA	30
3.1 A concepção de identidade.....	30
3.2 A identidade feminina: o que é ser mulher?	34
4 ESTUDO DE CASO: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO PROGRAMA SAIA JUSTA	43
4.1 Metodologia de Análise	43
4.2 O Canal GNT e o Programa <i>Saia Justa</i>	44
4.3 Análise Descritiva	46
4.4 A representação da mulher no <i>Saia Justa</i> - Análise de Conteúdo.....	53
4.4.1 O mundo feminino do <i>Saia Justa</i> - entre a informação e o entretenimento.....	53
A – A construção de um mundo que rompe as fronteiras entre o público e o privado... ..	53
B – O papel dos enunciadores e as relações de poder presentes na linguagem.....	56
4.4.2 A representação da mulher e a construção de identidade no Programa <i>Saia Justa</i>	58
A – Papéis sociais.....	58
B – O dilema do que é ser mulher.....	64
C – Os dilemas da mulher contemporânea: submissão e/ou emancipação.....	65
4.4.3 A comunicação de massa e a linguagem televisiva.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS	74

INTRODUÇÃO

Em função de uma dinâmica social em intensa transformação nas últimas décadas, as mulheres conquistam um espaço até então desconhecido na sociedade. Tais modificações refletem, na atualidade, uma mulher dividida e em conflitos. “A mulher de hoje não é aquela que o feminismo propôs e ao mesmo tempo não é mais a mulher de antigamente. É um conflito entre os velhos e os novos papéis. Isso acarreta uma crise de identidade intensa” Leila Ferreira (2007)¹. Como reflexo da vida social, faz-se necessário, também, verificar o papel da mídia, que vem, desde os seus primórdios até a contemporaneidade, procurando se legitimar como espelho do real e como forte meio de influência no imaginário do público.

Assim, a construção da identidade feminina na televisão se constitui como a principal questão deste estudo. Pretende-se ampliar o conhecimento sobre o meu “eu” mulher e como este se posiciona no meio de comunicação, no caso a televisão.

Na pesquisa bibliográfica sobre as monografias de conclusão de curso desenvolvidas pelos alunos do UNI-BH, é possível constatar que, apesar da identidade feminina já ter sido objeto de vários estudos, principalmente em revistas, o foco do estudo em questão traz um caráter inovador e um novo objeto de análise, que pode contribuir para lançar novas questões sobre a relação mídia e identidade feminina.

Para discutir como é construída a identidade feminina no universo televisivo, foi selecionado como objeto de análise o programa *Saia Justa*, que estreou em abril de 2002 e é exibido semanalmente no canal GNT, da rede *Globosat Canais* da empresa *Rede Globo de Televisão*. A escolha do programa de televisão ocorreu em função de ser apresentado por cinco mulheres (a cantora Ana Carolina, as atrizes Betty Lago e Maitê Proença, a filósofa Márcia Tiburi e jornalista – e âncora do programa - Mônica Waldvogel). Outra justificativa

¹ Leila Ferreira, jornalista, concede em mar. 2007, entrevista referente à mulher contemporânea, para o trabalho monográfico em questão.

metodológica refere-se ao fato de a televisão se constituir como um espaço de representação social, em que informação e entretenimento são transmitidos a um grande público.

As questões que impulsionaram esse estudo, que tem como finalidade compreender como o programa *Saia Justa* representa e constrói a imagem feminina a partir do posicionamento de suas personagens/apresentadoras, partiram do propósito de verificar os temas mais debatidos no programa, analisar como ocorre a representação das personagens, como elas se posicionam diante os diferentes papéis no decorrer do programa. Além dessas, observar como a linguagem televisiva interfere na narrativa, descrever características do cenário, e a partir deste, a contribuição para o desenvolvimento dos temas abordados e entender como as personagens interagem e estabelecem diálogo no programa são pontos motivadores para a efetivação do estudo presente.

Na realização do trabalho, num primeiro momento, foi feita a pesquisa bibliográfica a partir de três eixos temáticos: a) a linguagem como construção do real e a centralidade da mídia; b) televisão e suas especificidades; c) identidade feminina. Em seguida, partiu-se para a pesquisa documental, com a gravação de quatro edições do programa referentes aos dias 04, 11, 18 e 25 out. 2006.

Para desenvolver a análise de conteúdo, num primeiro momento, os episódios, gravados na íntegra, no decorrer do mês de out. 2006, são descritos de maneira objetiva. Já num segundo momento, a análise de conteúdo se divide nas seguintes categorias analíticas: a) a comunicação de massa e a linguagem televisiva, b) a representação da mulher e o mundo feminino, c) a relação entre informação e entretenimento e a mistura entre as esferas pública e privada, d) o papel das apresentadoras e a linguagem utilizada para estabelecer relação de poder entre as mesmas. Busca-se, assim, estabelecer a representação feminina, perceber o processo de construção da identidade feminina no programa *Saia Justa*, a mudança de papéis

sociais, o dilema do que é ser mulher e os conflitos da mulher contemporânea, que se equilibra entre a submissão e/ ou a emancipação.

O estudo presente é estruturado em três capítulos teóricos e um de análise do objeto empírico. No primeiro capítulo “Linguagem, Representação Social e a Centralidade da Mídia”, destacam-se as contribuições dos autores Peter Berger e Thomas Luckmann (1998), que articulam a constituição da vida social a partir do fato de que os indivíduos compartilham determinadas ações, valores e regras sociais; Ana Paula Goulart Ribeiro (2006), que faz uma reflexão sobre o discurso e a relação de poder, embasada no discurso de Roland Barthes, pai da Semiologia; e Erving Goffman (1999), que discute o jogo de representação de papéis decorrentes das interações sociais. Além desses teóricos, Adriano Duarte Rodrigues (1997) e Thompson (1999) articulam a centralidade da mídia entrelaçada ao contexto social que está inserida.

No segundo capítulo “Televisão e Entretenimento”, Dominique Wolton (1996), Valério Brittos (1999) e Guilherme Jorge de Rezende (2000) descrevem e analisam a estruturação das fases da televisão e a linguagem televisiva. Wilson Gomes (2004), por sua vez, discute a interface entre a informação e o entretenimento. Já o terceiro capítulo “Identidade Feminina” é baseado em Manuel Castells (1999), que articula as tendências conflitantes do mundo atual - a globalização e a identidade - e Stuart Hall (2001), que discute a identidade cultural na pós-modernidade. Já Ana Lúcia Osório de Oliveira (2004) recorre, principalmente, ao "caso Dora" analisado por Sigmund Freud. A autora Simone de Beauvoir (1980) e a jornalista Leila Ferreira (em entrevista, 2007) debatem em específico a identidade feminina e a representação da mulher na sociedade.

1 LINGUAGEM, REPRESENTAÇÃO SOCIAL E A CENTRALIDADE DA MÍDIA

1.1 Linguagem e representação social

Ao buscar com essa monografia compreender o papel da mulher na sociedade brasileira contemporânea, a partir da análise do programa *Saia Justa*, que vai ao ar pelo canal de TV a cabo *GNT*, é fundamental discutir a importância dos meios de comunicação de massa como espaços nos quais a representação da identidade feminina é construída por meio de programas de entretenimento, informativos, debates etc. Esta relevância da mídia como instância de representação está articulada à questão do discurso e da linguagem compreendidos como instrumentos de socialização, uma vez que é por meio da linguagem que o homem constrói a vida social.

Na perspectiva da Sociologia do Conhecimento, Peter Berger e Thomas Luckmann (1998), no livro “A construção social da realidade”, trazem argumentos que contribuem para entender o processo de construção de identidade social. Segundo os autores, a relação entre o homem e a natureza diferencia-se pelo fato de o homem possuir, em função de sua condição biológica, muito mais plasticidade para se adaptar a diferentes ambientes. Ou seja, o que caracteriza o homem é a sua abertura para o mundo. Para eles, não existe uma natureza humana, mas o homem constrói a sua própria natureza por meio de um empreendimento social via linguagem. “A ordem social existe unicamente como produto da atividade humana” (BERGER e LUCKMANN, 1998, p.76).

Ao explicar o processo de consolidação da vida em sociedade, Berger e Luckmann afirmam que, ao longo do processo civilizatório, as ações começam a se repetir com o tempo, tornando-se hábitos, e a reprodução destes constitui uma referência para o indivíduo e para o grupo toda vez que se faz necessária a realização de uma tarefa. Os hábitos socialmente compartilhados e de relevância para o grupo tendem a se consolidar ao longo da história da

sociedade. Com essa tipificação da atividade e de quem realiza, origina-se a institucionalização. Esse mundo institucional é experimentado pelo indivíduo como uma realidade objetiva, que persistirá mesmo quando o indivíduo não mais existir.

Berger e Luckmann (1998) ressaltam que a objetividade do mundo institucional não se dá sem a participação dos indivíduos e que objetivação é o que é gerado, na sua maioria, pela ação do homem. Tal processo ocorre por meio da reciprocidade entre ação do homem (produtor) e o seu mundo social (produto).

No momento da tipificação dos hábitos, conforme argumentam os autores, é necessário o consenso grupal. O mesmo acontece com a instituição que necessita do mecanismo de legitimação. Esse processo de legitimação caracteriza-se pela lógica das instituições, pela linguagem, pelas regras de conduta, de controle e pelas sanções, em que tudo deve ser compartilhado socialmente. Ninguém altera nada sozinho.

Os autores ainda identificam o processo de interiorização, da realidade subjetiva, concretizado pela socialização, que visa a inserir o indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou em determinado segmento desta. A socialização possui dois estágios diferenciados: o primário e o secundário. A socialização primária ocorre na infância do indivíduo e marca o seu ingresso na vida social. Os indivíduos começam a aprender as primeiras regras sociais na família e na escola. O indivíduo percebe a realidade como sendo única, completa e inevitável.

Já na socialização secundária, os “submundos” são interiorizados como realidades parciais. Os conteúdos são de ordem institucional e são, assim, transmitidos como um corpo de conhecimento. É quando os indivíduos assumem papéis estratégicos na sociedade, como, por exemplo, as profissões. Ao adquirir tal posição, eles podem ter uma conservação rotineira, conservação crítica ou alteração da ordem. E o *Programa Saia Justa* encaixa-se na visão dos

autores a partir do momento que constrói uma versão do real, podendo legitimar, criticar ou alterar a ordem social.

Tal realidade objetiva ou institucionalizada é um produto do homem ao longo da sua vida em sociedade e é dinâmica, pois desenvolve a compreensão dos autores de que existe uma relação dialética com o mundo: o homem é produto (pois já encontra um mundo organizado, composto de regras sociais), mas também é produtor (pode alterar tais regras). Toda mudança é feita a partir da linguagem, porque depende de ser compartilhada socialmente. Se existe um papel contínuo de representação social, Peter Berger e Thomas Luckmann (1998) esclarecem como a vida social é constituída socialmente a partir do fato de que os indivíduos compartilham determinadas ações, valores e regras sociais.

A linguagem, no entanto, não apenas constitui a vida social, como implica em relações de poder. Em seu artigo “Discurso e poder: a contribuição barthesiana para os estudos de linguagem”, Ana Paula Goulart Ribeiro (2006) afirma que, na reflexão sobre o discurso, o poder sempre ocupa lugar de destaque. Em sua discussão, Ribeiro trabalha com dois momentos do pensamento de Roland Barthes, pai da Semiologia. Num primeiro momento, ela traz a visão barthesiana baseada na concepção estruturalista de Saussure em que a linguagem é concebida como um sistema abstrato e imutável. No entanto, interessa-nos aqui a visão que a autora traz do segundo momento das idéias de Barthes, influenciado pelos marxistas Mikhail Bakhtin e Michel Foucault. O pai da Semiologia passa a entender a linguagem como um processo social dinâmico, articulado à concepção de poder.

Nessa perspectiva, a linguagem deixa de ser pensada apenas como um sistema abstrato de regras e passa a ser compreendida como um produto da realidade humana, inserida em um sistema mais amplo no qual encontramos as relações de poder, os hábitos, as estratégias de sobrevivência etc. A noção de texto é abandonada em detrimento do discurso. Dessa forma, o

homem é compreendido não somente como aquele que cria regras através de suas práticas sociais cotidianas como aquele que também as deixa vivas através dessas mesmas práticas.

Torna-se evidente então que, em todos os aspectos da vida humana, o poder se faz presente, não estando limitado às estruturas institucionalizadas do Estado ou aos interesses e ideologias das classes dominantes. O poder é onipresente por ser constituído a partir da linguagem e com ela mesma. Segundo Barthes, citado por Ribeiro (2006), todo discurso é ideológico e nunca literal e neutro. Logo, o poder está presente no discurso e é parte integrante da sua arquitetura textual, sendo esse sempre resultado de processos dinâmicos, incessantes, instáveis, em que o sentido nunca se fecha. Assim, se as interações sociais são pautadas pela linguagem e por relações de poder, fica evidente que é próprio do ser humano sempre atuar sobre o outro.

Se a linguagem remete a relações de poder, são nas interações sociais que elas se efetivam. Com a emergência dos meios de comunicação de massa, surgiram novas formas simbólicas e novas formas de interação social. Thompson (1999) aponta três tipos de interação: a interação face a face, interação mediada e quase-interação mediada. Na interação face a face, os participantes estão presentes e partilham de um mesmo sistema referencial de espaço e de tempo. Como exemplo, o autor cita o diálogo, em que as palavras trocadas pelos participantes podem vir acompanhadas de gestos, sorrisos, mudanças de entonação, entre outras formas. As interações mediadas contam com o uso de um meio técnico para a transmissão do conteúdo simbólico. Os participantes podem estar em contextos espaciais ou temporais distintos. Como exemplos, podem ser citadas as cartas e conversas telefônicas.

Por último e para o estudo da pesquisa em questão, a mais relevante, a quase-interação mediada. Esta interação baseia-se nas relações sociais estabelecidas pelos meios de comunicação de massa (televisão, jornais, revistas, livros, etc). Como o autor explica, trata-se

de uma interação monológica, em que um emissor fala para um vasto número de receptores, os quais desconhece, como ocorre no Programa *Saia Justa*.

A quase-interação mediada tem caráter monológico e implica a produção de formas simbólicas para um número indefinido de receptores potenciais, será melhor classificada como um tipo de quase-interação. Ela não tem o grau de reciprocidade interpessoal de outras formas de interação, seja mediada ou face a face, mas é, não obstante, uma forma de interação. Ela cria um certo tipo de situação social na qual os indivíduos se ligam uns aos outros num processo de comunicação e intercâmbio simbólico. Ela é uma situação estruturada na qual alguns indivíduos se ocupam principalmente na produção de formas simbólicas para outros que não estão fisicamente presentes, enquanto estes se ocupam em receber formas simbólicas produzidas por outras a quem eles não podem responder, mas com quem podem criar laços de amizade, afeto e lealdade (THOMPSON, 1999, p. 79-80).

Para Thompson (1999), a televisão é o meio técnico mais rico de termos simbólicos, entretanto é limitada na transmissão de algumas deixas simbólicas tais como o olfato e o tato.

Além disso, os participantes da quase-interação criada pela televisão são privados dos tipos de contínuo e imediato *feedback* que são características da interação face a face, e que os participantes interativos rotineiramente incorporam para monitorar reflexivamente a própria conduta (THOMPSON, 1999, p. 85).

Na forma indireta, é possível identificar situações como entrevistas televisionadas, transmissões de debates parlamentares, mesas-redondas. “Ocorre quando a região frontal da esfera de produção se torna o lugar de interação face a face entre produtores que, interagindo uns com os outros, indiretamente se dirigem para uma variedade de receptores ausentes” (THOMPSON, 1999, p. 94).

Thompson (1999) caracteriza a *atividade cotidiana mediada* como uma das ações que fazem parte do fluxo das atividades decorrentes da vida cotidiana. Como exemplo, o autor descreve algumas, tais como uma demonstração pública, uma cena de rua, transmissão de uma transferência internacional, entre outras. Diferente da *atividade cotidiana* são os *eventos da mídia*, que são cuidadosamente planejados e ensaiados antes de irem ao ar. Segundo o autor, isso ocorre, por exemplo, nos principais eventos esportivos, como os Jogos Olímpicos

ou a Copa do Mundo, tomada de posse de um novo presidente, funeral de um grande estadista etc.

A esse respeito, cabe ressaltar, recorrendo a Erving Goffman (1999), em seu livro “*A Representação do Eu na Vida Cotidiana*”, que as interações sociais, sejam ela face a face ou mediadas pelos meios de comunicação de massa, estabelecem-se a partir de um jogo de representações de papéis. Logo, encontramos diferentes formas de representação que variam de acordo com o contexto social, cultural, político, econômico, nos quais os indivíduos se encontram, variando também em função das diferenças de perfil psicológico de cada um.

Nesse processo, ainda de acordo com Goffman (1999), o indivíduo pode situar-se em dois extremos. O primeiro é aquele no qual o homem está convencido de seu ato, ou seja, está sinceramente convicto de que a vivência de realidade que encena é a verdadeira realidade. O outro extremo apresenta-se quando o indivíduo é cínico a respeito dele próprio, ou seja, ele não crê em sua própria atuação e não se interessa pelo o que os demais pensam dele. Assim, se o indivíduo representa papéis, é necessário levar em consideração a oscilação natural entre cinismo e sinceridade.

Não é provavelmente um mero acidente histórico que a palavra “pessoas”, em sua acepção primeira, queira dizer máscara. Mas, antes, o reconhecimento do fato de que todo homem está sempre e em todo lugar, mais ou menos conscientemente, representando um papel... É nesses papéis que nos conhecemos uns aos outros; é nesses papéis que nos conhecemos a nós mesmos (PARK *apud* GOFFMAN, 1999, p. 27).

Para o indivíduo representar, é necessário um equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado por este, denominado de fachada pelo autor, “que é parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação” (GOFFMANN, 1999, p. 29). O cenário pode ser compreendido como a mobília, a decoração, a disposição física, entre outros elementos de pano de fundo que assim constituem o

ambiente e os suportes de palco para o indivíduo executar a sua ação humana, a representação. Uma vez que a sua tendência é estar limitado a uma dada posição geográfica, somente em circunstâncias excepcionais o cenário acompanha os atores. Goffman (1999) exemplifica tal fato com situações como a de um enterro, parada cívica, cerimônia de casamento, em que o cenário oferece aos atores uma espécie de proteção extra.

Goffman (1999) também analisa a “fachada pessoal”, constituído pelo vestuário, características raciais, aparência, expressões faciais, gestos corporais, altura, entre outros. Alguns deles são relativamente fixos, como as características raciais do indivíduo e outras relativamente móveis que podem variar, como a expressão facial, por exemplo.

O uso da dramatização no ato de representar se torna necessário para que a atividade do indivíduo se torne significativa para o outro, uma vez que essa expressão de qualidades, que acentuam e configuram sinais, são essenciais para criar uma visibilidade favorável ao ser em questão. Mas o autor pontua “o problema de dramatizar o próprio trabalho implica em mais do que simplesmente tornar visíveis os custos invisíveis” (GOFFMAN, 1999, p. 38).

A representação é um ato socializado, pois esta é adaptada para assim atender à expectativa da sociedade em que apresentada. Os atores tendem a oferecer a seus observadores uma impressão que é idealizada de várias e diferentes maneiras, para assim agradarem a seu público.

Assim, quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo (GOFFMAN, 1999, p. 41).

Em contraponto, o autor destaca que, quando o indivíduo faz uma representação, esconde tipicamente mais que prazeres e poupanças impróprias, como, por exemplo, o uso secreto de bebidas embriagantes. Outro ponto é a apresentação do produto final do ator ao

outro, para que assim o receptor tenha apenas com base a coisa já acabada. Isso ocorre com a finalidade de passar a imagem que a sociedade idealiza.

Na representação, o ator deve ficar alerta com pequenos indícios que podem desviar e prejudicar a compreensão da platéia, tais como um bocejo, que mostra acidentalmente incapacidade, uma explosão de riso ou gaguejar, que dá a impressão que está preocupada de mais ou de menos com a interação, ou uma desatenção na montagem do cenário, que pode deixar a apresentação com uma incorreta direção dramática.

Em virtude da mesma tendência a aceitar os sinais, a platéia pode não compreender o sentido que um indício desvia transmitir, ou emprestar um significado embaraçoso a gestos ou acontecimentos acidentais, inadvertidos ou ocasionais, aos quais o ator não pretendia dar qualquer significação (GOFFMAN, 1999, p.54).

Para Goffman (1999), os indivíduos podem ser surpreendidos em flagrante no ato de dizer mentiras descaradas – definidas como aquelas para as quais “é possível encontrar uma prova irrefutável de que a pessoa que disse sabe que está mentindo e o faz deliberadamente” (GOFFMAN, 1999, p. 62). Nestas situações, não apenas perdem a credibilidade no processo de interação, como também podem ter sua dignidade destruída. Afinal, não deve merecer confiança o indivíduo que se permitiu contar mentira.

Para o autor, a representação verdadeira é uma encenação não organizada propositalmente, “sendo produto não intencional da resposta inconsciente do indivíduo aos fatos, na sua situação” (GOFFMAN, 1999, p. 70). Em contraponto, existem as representações armadas, sendo algo pessoalmente montado e organizado.

Thompson (1999) discute os paradoxos da visibilidade gerados pela mídia. Ao mesmo tempo em que é possível buscar formas de controlar e administrar a aparição pública, líderes políticos, celebridades, apresentadores e debatedores de televisão, entre outros indivíduos que estão expostos nos meios de comunicação de massa correm quatro tipos de riscos de visibilidade: os escândalos, o vazamento de informações comprometedoras, gafes e acessos

explosivos. Mesmo que esteja direcionando a sua discussão para o campo da política e a visibilidade dos líderes políticos, a discussão do autor pode ser articulada aos papéis sociais desempenhados na mídia por apresentadores e integrantes de programas como o *Saia Justa*.

1.2 A centralidade da mídia e o seu papel de referencial de mundo

Se os meios de comunicação implicam em novas formas de interação social e torna mais complexa a representação de papéis, dada à vulnerabilidade da exposição pública, na era contemporânea, é fundamental apontar o papel estratégico do campo midiático. O ponto central de discussão para a compreensão da constituição da comunicação na modernidade é apresentado por Adriano Duarte Rodrigues (1997), no livro “*Estratégias da Comunicação*”.

Campo dos media é a designação que aqui utilizamos para dar conta da instituição de mediação que se instaura na modernidade, abarcando, portanto, todos os dispositivos, formal ou informalmente organizados, que têm como função compor os valores legítimos divergentes das instituições que adquiriram nas sociedades modernas o direito a mobilizarem autonomamente o espaço público, em ordem à prossecução dos seus objectivos e ao respeito dos seus interesses (RODRIGUES, 1997, p. 152).

Para Rodrigues (1997), com o retorno do *campo dos media*, atualmente, é possível discutir antigos mitos no espaço público. Mitos que provêm especialmente do religioso, do familiar, do político, do guerreiro, do jurídico e do científico. A partir do momento que esses mitos são lançados ao coletivo, ganham novos reflexos e efeitos. A legitimidade dos *campos media* é de natureza que às vezes se faz por outra coisa, vicária.

A fonte da sua legitimidade resulta de um processo de autonomização de uma parte das funções de mediação dos outros campos sociais, autonomização exigida pelo processo generalizado de disseminação das esferas da experiência do mundo moderno (RODRIGUES, 1997, p. 155).

Devido ao fato de estarem intimamente ligados ao espaço público, os processos rituais que envolvem o *campo dos media* estão relacionados ao conjunto de experiências do mundo. Eles não se restringem a espaços e a momentos separados, mas espalham-se pelo conjunto social moderno. O processo de ritualização² do *campo dos media* é composta pelos mecanismos de dessacralização e transparência.

Em vez de uma temporalidade marcada pelo retorno cíclico de momentos fortes de actualização dos mitos fundadores da legitimidade do campo, o *campo dos media* tende para a instauração de uma periodicidade formal e estereotipada, de natureza cronométrica, tal como a da programação televisiva e radiofônica, a da publicação periódica dos jornais ou a da repartição das rubricas nas páginas dos periódicos (RODRIGUES, 1997, p. 157).

A estratégia de cooperação específica do *campo dos media*, para Rodrigues (1997), divide-se em quatro processos: neutralização, objetivação, sedução e simulação. Na neutralização, ocorre a justaposição das posições de diferentes campos para assim apresentarem suas propostas. A oportunidade da palavra é oferecida a todos os campos. Na objetivação, que é construída na terceira pessoa gramatical, o sujeito que proclama é sutilmente escondido, camuflado. A sedução é o processo “mais direta de se proceder à implicação do espaço público, neutralizando as razões divergentes e os conflitos através do envolvimento afetivo e não através da repressão” (RODRIGUES, 1997, p. 160).

Dada a centralidade da mídia, deve-se ressaltar que é uma instância articulada ao contexto social em que está inserida. Thompson (1999) explica que os fenômenos sociais são ações intencionais encaixadas em contextos sociais estruturados. A vida social é feita por indivíduos que perseguem fins e objetivos diferentes. Estes, por sua vez, estão sujeitos a

² A ritualização é um processo que consiste na geração de modalidades estereotipadas de funcionamento de um campo e de reciclagem dessacralizante moderna da correspondente simbólica (RODRIGUES, 1997, p. 157).

inclinações e oportunidades diferenciadas. A posição que cada indivíduo ocupa dentro de uma instituição ou campo está diretamente ligada ao poder³ que este possui.

É interessante fazer a distinção das formas de poder. Thompson aponta quatro tipos: o poder econômico (é fruto da atividade humana produtiva), o poder político (atividade de coordenação e regulamentação dos padrões, dos indivíduos e sua interação em uma organização), o poder coercitivo (ameaça ou até mesmo a utilização da força física para coagir ou conquistar um indivíduo da oposição) e, por último, conhecido também como quarto poder, o poder simbólico (que são os meios de informação e comunicação. Eles são capazes de intervir e influenciar no curso dos acontecimentos).

Thompson (1999) destaca as características da comunicação mediada, que é sempre um fenômeno socialmente contextualizado. “Eles se relacionam com a produção, o armazenamento e a circulação dos materiais que são significativos para os indivíduos que os produzem e os recebem” (THOMPSON, 1999, p.19). A comunicação é uma atividade social que para ser realizada é necessário à utilização de diferentes tipos de recursos, engloba etapas de produção, transmissão e recepção de formas simbólicas.

Outra questão abordada pelo autor refere-se à produção e a transmissão das formas simbólicas feitas pelos indivíduos por meio da utilização de um meio técnico. As informações e os conteúdos armazenados nos meios técnicos podem servir de diferentes formas de exercício ao poder.

O meio técnico é o substrato material das formas simbólicas, isto é, o elemento material com que, ou por meio do qual a informação ou conteúdo simbólico é fixado e transmitido do produtor para o receptor. Todos os processos de intercâmbio simbólico envolvem um meio técnico de algum tipo (THOMPSON, 1999, p. 26).

³ É a capacidade de agir para alcançar os próprios objetivos ou interesses, a capacidade de intervir no curso dos acontecimentos e em suas conseqüências (THOMPSON, 1999, p. 21).

Para utilização dos meios técnicos, é necessário ter acesso e saber conduzir um conjunto de regras e procedimentos de codificação e decodificação da informação. A reprodutibilidade desse conteúdo simbólico é uma das formas simbólicas que se encaixam na base da exploração comercial dos meios de comunicação.

Meios técnicos e institucionais de produção e de transmissão constituem como que a primeira característica da comunicação de massa, definida por Thompson (1999) como a produção institucionalizada de bens simbólicos. São apontadas, pelo autor, como características da comunicação massiva a mercantilização das formas simbólicas, a dissociação estrutural entre a produção das formas simbólicas e a sua recepção, a extensão da disponibilidade da informação no tempo e no espaço e por último a circulação pública das formas simbólicas. “O que importa na comunicação de massa não está na quantidade de indivíduos que recebe os produtos, mas no fato de que os produtos estão disponíveis em princípio para uma grande pluralidade de destinatários” (THOMPSON, 1999, p. 30).

Verificar as condições que os indivíduos recebem os produtos da mídia também é um ponto destacado pelo autor. Formação e condições sociais são aspectos que vão interferir nas diferentes formas de entendimento da mensagem. “Mesmo que os indivíduos tenham pequeno ou quase nenhum controle sobre os conteúdos das matérias simbólicas que lhe são oferecidas, eles podem usar, trabalhar e reelaborar de maneiras totalmente alheias às intenções ou aos objetivos dos produtores” (THOMPSON, 1999, p. 42).

Além de uma atividade de rotina, para Thompson (1999), a recepção dos produtos da mídia deve ser vista como uma *realização especializada*. “Ela depende de habilidades e competências adquiridas que os indivíduos mostram no processo de recepção” (THOMPSON, 1999, p. 43).

Com o desenvolvimento dos meios de comunicação, criam-se novas formas de ação, de interação e, conseqüentemente, novos tipos de relacionamentos sociais são originados. A

interação do indivíduo modifica-se, pois ele dissocia-se do ambiente físico, podendo interagir com o outro sem partilhar do mesmo ambiente espaço-temporal. . “O desenvolvimento da mídia ajudou a criar um mundo em que os campos de interação podem se tornar globais em escala e em alcance e o passo da transformação social pode ser acelerado pela velocidade dos fluxos de informação” (THOMPSON, 1999, p. 107).

2 TELEVISÃO E ENTRETENIMENTO

2.1 A televisão e suas fases

Em seus cinquenta anos de existência, a televisão, definida por Dominique Wolton (1996, p.67) como um “espetáculo de um gênero particular, destinado a um público imenso, anônimo e heterogêneo, inseparável de uma programação que garante uma oferta quase contínua de imagens de gêneros e status diferentes”, desenvolveu diferentes aspectos e apresenta possíveis dilemas que poderá enfrentar no futuro, sendo esse o ponto central de discussão do livro “Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão”, de Wolton (1996).

O autor estabelece comparações e descreve os modelos públicos e privados de televisão. Com origem na Europa, em 1935, a televisão pública teve, a princípio, um início mais temido, pelo fato de transmitir imagem, do que com a implantação do rádio. Chegou a ser considerada uma mídia de massa perigosa e foi controlada pelo poder público.

O período de 1950 -1970 caracterizou-se na lentidão que a televisão de massa encontrou para se firmar no mercado e, em contrapartida, na sua aceitação como laço social de uma sociedade em plena transformação. “A ideologia de serviço público consiste em fazer programas educativos e populares” (WOLTON, 1996, p. 27).

No período de 1970 – 1980, ocorreu a confronto entre o modelo público e o privado. O público, fiel à televisão pública, começou a requerer a utilização de mais imagens. A possibilidade da multiplicação de canais, com as inúmeras promessas tecnológicas, proporcionou um afastamento do público com as elites políticas e culturais, que se sentiram ameaçadas com a velocidade que a televisão estava repercutindo. De fato, a televisão pública se vê sem alternativa, decorrente da incapacidade de alterar equipes e renovar projetos e produções.

O Estado tinha tanto medo da televisão comunitária que os projetos mais modestos pareciam ‘esquerdistas’, afundavam nas exigências de autorizações, nas reticências administrativas, na resistência das imprensas regionais, na delonga dos resultados. (WOLTON, 1996, p. 29).

O intervalo de 1980 – 1990 foi marcado pela imposição da televisão privada, devido à insuficiência da televisão pública. Uma alienação em relação ao veículo que permaneceu a sustentar questões da televisão pública, como a busca contínua pela audiência, redução da diversidade da programação cultural e acadêmica, para aderir ao “espetáculo” na política. É possível observar e apontar a valorização inserida na representação para cativar determinados públicos já nos primórdios e também no período de constituição da televisão no mundo. “Mais cultura, maior capacidade de proposições dos profissionais, dos políticos, dos pesquisadores, dos centros de estudo, talvez tivessem evitado que essa adaptação se transformasse num alinhamento, numa adesão” (WOLTON, 1996, p. 30). O autor prevê, ainda, que, atualmente, a televisão pública está presente apenas como fator integrante na primeira etapa da história da televisão e a privada se consolida como símbolo de liberdade e progresso.

Quanto à implantação e consolidação da TV no Brasil, Pierre Bourdieu (1997), em “Sobre a televisão”, quem tem uma visão crítica sobre a mídia, principalmente a mídia eletrônica, divide o processo de desenvolvimento da TV no Brasil em duas etapas. A televisão dos anos 50 é apontada como aquela com pretensão cultural para formar os gostos do grande público, com exibição de documentários, adaptações de obras clássicas, debates culturais etc. Já a televisão dos anos 90 visa a explorar e agradar esses gostos, com o intuito de atingir a mais ampla audiência. Oferece aos telespectadores produtos brutos, cujo paradigma é o *talk-show*, fatias de vida, exibições cruas de experiências vividas, freqüentemente extremas e capazes de satisfazer o exibicionismo. Bourdieu (1997) ressalta que é preciso refletir sobre os produtos transmitidos pela televisão.

Valério Brittos (1999), no ensaio “A televisão no Brasil, hoje: a multiplicidade de oferta” divide a história da televisão no Brasil em seis etapas. A primeira fase, de 1950 a 1964, é chamada de “fase elitista”, período em que o acesso aos televisores em residências era escasso, devido ao alto preço dos aparelhos na época. Os programas e propagandas eram feitos ao vivo e com caráter regional, pelo fato de não existir o videoteipe. Fase marcada pelo amadorismo e improviso, sendo uma das referências a TV Tupi e a figura de Assis Chateaubriand.

Com a entrada do capital estrangeiro, via acordo da Globo com a empresa norte-americana Time-Life, a televisão no Brasil inaugura o processo de profissionalização. A TV entrou, então, na sua segunda fase, chamada de “populista”, no período de 1964 a 1975. Nesta época, a televisão estava nas mãos dos governos militares, que passaram a utilizar o meio televisivo como uma estratégia de integração nacional, com muitos investimentos no setor de telecomunicações, e na parceria com a Globo. “Os militares controlam os meios através da censura [...], da outorga de concessões a organizações confiáveis e da distribuição de verbas publicitárias” (BRITTOS, 1999, p. 14).

Em 1967, foram criadas estruturas para transmissões nacionais, e, em 1972, surgiu a TV em cores. A programação tornou-se popular, com o início das telenovelas e shows de auditório, além da presença dos “enlatados” – seriados e filmes americanos. O objetivo do governo, ao facilitar o acesso da população aos aparelhos de televisão, era enfatizar a ideologia de segurança nacional.

A terceira fase da TV no Brasil, de 1975 a 1985, é denominada de “desenvolvimento tecnológico”. Em decorrência das novas tecnologias, a TV estabilizou-se como forte meio de massas, começou a nacionalizar a sua programação e as produções televisivas brasileiras passaram a ser exportadas, principalmente as telenovelas. Presencia-se também o início da concorrência, com o surgimento de novas emissoras (SBT, Manchete e expansão da

Bandeirantes). Por sua vez, a quarta fase, de 1985 a 1990, denominada “transição e da expansão internacional”, foi marcada pelo fim da censura e pela aproximação política de candidatos a certa emissora. Cresceu a competitividade e a exportação para o mercado nacional. Em 1988, a TV a Cabo foi implantada no país.

A quinta fase, denominada por Brittos de “multiplicidade da oferta”, está articulada ao processo de globalização, mundialização da cultura e a tendência para uma programação cada vez mais individualizada. Segundo o autor, ocorreu nos anos 90 a formação de conglomerados multimídia, além do intercâmbio entre corporações transnacionais. Em decorrência, ocorreu o aumento dos formatos de programação de uma cultura mundializada. Em função à exigência do público, as emissoras de TV passaram a investir em programas mais regionais, o que se era paradoxal ao processo de globalização.

O período de multiplicidade é marcado por uma disputa acirrada pela audiência. Como parte do público migrou para as TVs pagas, a Globo perdeu boa audiência e passou a concorrer com emissoras com um tom mais popularesco, como o SBT, a Record, a Rede TV. Alguns pesquisadores apontam uma sexta fase, que seria a de “diversificação”, em que televisão e computador estão agregados, gerando possibilidade de interação e expansão de indústrias midiáticas para a atuação na área de convergência.

2.2 TV Geralista e a linguagem televisiva

Guilherme Jorge de Rezende (2000), ao discutir a linguagem televisiva, afirma que o primordial é fazer uma reflexão sobre o valor da palavra como instrumento de comunicação na sociedade. Em seu livro “Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial”, Rezende (2000) aponta a possibilidade que a televisão cria na exibição de imagens e não somente uma descrição verbal. E o fato da informação visual ser o elemento mais expressivo da televisão é determinante que ocorra um entrosamento sincronizado entre imagem e palavra.

Com o objetivo de se fazer claro para o maior número de pessoas, a tarefa da simplificação da linguagem é um desafio permanente no manejo das técnicas jornalísticas. Segundo Rezende (2000), a fórmula ideal é a que harmonizam texto e imagem de modo a atrair o máximo interesse do telespectador, sem apelar para qualquer forma de sensacionalismo. No entanto, o autor alerta que, embora texto e imagem devam sempre andar juntos, a imagem é mais forte do que a palavra, pelo fato de permanecer gravado no cérebro do telespectador depois que a notícia já foi esquecida. Se, ao contrário, ocorrer uma dissociação, o resultado pode ser um verdadeiro desastre que atinge todos os elementos mensagem, com prejuízos maiores para a comunicação verbal.

Para Wolton (1996), na sociedade, a televisão exerce função particular na sua forma de comunicar. “A significação parcialmente aleatória da mensagem resulta de uma interação silenciosa com o público inapreensível” (WOLTON, 1996, p. 68). Mas essa análise também é qualificada como livre e igualitária. Livre pelo fato do receptor ter o direito de escolher se irá assistir ou não a determinada programação sem ter que se justificar a ninguém. E igualitária no ponto que a imagem e a informação passada a uma imensidão de pessoas é a mesma, mas volta à adjetivação de ser um meio livre, quando a interpretação dessas imagens não é um ato normativo. A televisão é meio responsável em contribuir diretamente na retratação e modificação das representações de mundo. A programação televisiva com função de calendário, uma espécie de agenda da vida cotidiana.

Ela exprime uma aceitação e uma responsabilidade voluntária com os diferentes momentos da vida dos indivíduos, com as diferentes aspirações dos habitantes de um país, com os diversos componentes culturais de uma sociedade em seu conjunto. Ela é uma espécie de “representação em miniatura” da sociedade, e da maneira como a concebem os indivíduos que nela vivem. A programação é quase um retrato da sociedade e participa diretamente da “construção da realidade social” (WOLTON, 1996, p. 106-107).

Discutir a televisão fragmentada, definida por Wolton (1996, p. 103) “como a TV gratuita ou paga, concebida para um público específico, cuja idéia básica é de não mais oferecer uma programação que mistura gêneros, mas sim visar estritamente uma população, um público”, torna-se inevitável, a partir do momento que se percebe essa modalidade especializada como uma opção sedutora. Uma televisão com tecnologia inovadora, com uma demanda específica e conseqüentemente interessada e ativa. É uma nova possibilidade voltada a atender a liberdade individual e não a identificação coletiva, conduta seguida pela televisão geralista. Mas tal liberdade individual deve ser relativizada e estreitada no momento que a televisão fragmentada divide o público de maneira parcialmente individual, afinal esses são divididos a partir de comunidade de gostos, de aspirações e afinidades e se tornam grupos.

Ao reunir os indivíduos a partir de uma escolha particular, para além das diferenças sociais, e dos distanciamentos geográficos, a televisão fragmentada responde assim ao movimento contraditório da diversificação e da integração da sociedade moderna, o que explica, provavelmente a sedução que ela opera como “futuro da televisão” (WOLTON, 1996, p. 107).

A televisão geralista, pública ou privada, é destinada a todo mundo, sendo referencial na criação de laços sociais das sociedades individualistas de massa. É a única capaz de juntar, sem privilegiar determinada parte, informação e programas de entretenimento. Uma das suas principais funções é valorizar a identidade nacional. Em contraponto, a televisão fracionada assume as desigualdades culturais e tenta satisfazer diferentes públicos sem desempenhar papel de laço social, analisa Wolton (1996).

Por tudo isso é que a televisão fragmentada, por trás de uma aparência modernista, constitui uma falsa solução pra um problema verdadeiro que é o empobrecimento da qualidade de programas e o estreitamento do seu leque. Nada indica que a programação nas televisões temáticas possa ser melhor e, sobretudo, que não desaparecerá, nessa lógica de segmentação, a segunda causa do sucesso da televisão: a sua dimensão de meio de massa (WOLTON, 1996, p. 117).

O papel da televisão é contribuir para que ocorra um equilíbrio. Conforme analisa Wolton (1996), o dilema está entre o fato de se apresentar geral demais, o que, conseqüentemente, proporciona a perda da identidade coletiva dos telespectadores ou o de ser individualizante ao extremo, o que acarreta no desaparecimento de fatores que vão além no individualismo para assim substituí-los no quadro da comunidade.

No princípio do século XX, começa a se discutir a representação do grande público, conceito que é indefinível e está diretamente relacionado à sociedade de massa. Sendo que esse último está relacionado ao espetáculo e a uma elevação no nível de vida, que acarreta no surgimento de mercados de grande consumo e no nascimento da opinião pública.

Enfim, ela foi um fator de modernização para as quatro classes sociais. Modernização sem dúvida aceita, porque a maior parte das classes sociais alimentava-se da televisão. *Vemos aqui a tripla função da televisão geralista = laço social + modernização + identidade nacional.* A existência de um mercado interior não basta para explicar essa tripla função, que deve antes de ser buscada numa teoria das relações entre comunicação e sociedade, e no papel estrutural que desempenham as mídias de massa na sociedade contemporânea” (WOLTON, 1996, p. 156).

2.3 Informação e entretenimento

A capacidade de espetacularizar os fatos do cotidiano através da construção de personagens e enredo, o que possibilita um aspecto sensacionalista, é uma atribuição marcante da mídia televisiva. Em paralelo, a política no Brasil também é marcada por encenações, que são representadas pelos próprios políticos, com vários enredos e personagens; sendo o principal responsável por essa dramatização, a comunicação de massa, mais especificamente a televisão, que utiliza imagens e outros elementos para surpreender o público.

Wilson Gomes (1994), no livro “Transformações da política na era da comunicação de massa”, utiliza uma perspectiva teatral para mostrar os artifícios que os políticos usam na busca do controle da opinião pública. São os agentes políticos que têm uma importante função

social, grandes responsabilidades reais e atitudes diretamente relacionadas na vida de todos. “Os cidadãos não são meramente platéias, mas indivíduos sobre cujas vidas se exercem os efeitos das interações que se processam na esfera estritamente política” (GOMES, 2004, p. 293).

O autor apresenta duas hipóteses que possam justificar o motivo pelo qual a política se encena no universo dos meios de comunicação modernos, principalmente a televisão. A primeira está relacionada com a mudança de sociabilidade na sociedade, que acarreta a dependência cada vez maior da democracia em relação aos meios de comunicação de massa. Já a segunda hipótese coloca em questão o relacionamento tradicional da política para com os meios de comunicação de massa.

Gomes (2004) aponta a diferença das funções entre a comunicação de massa e a política, afinal os veículos de comunicação são meios exibidores de produtos e mercados e entretenimento, o que faz a comunicação de massa rejeitar o formato tradicional do conteúdo político. E acrescenta que a competitividade da política é que mais se assimila à questão da espetacularização da notícia e também com as narrativas ficcionistas.

O autor destaca o abuso da imprensa televisiva aos recursos midiáticos, como o discurso, imagens e até mesmo na abordagem dos fatos para acabar com a normalidade dos fatos, frustrando expectativas e prendendo a atenção dos telespectadores. Esse tipo de abordagem contém elementos típicos de representação.

Ao assumir um princípio dramaturgico de seleção e ordenação dos eventos, o sistema informativo aciona justamente as características gerais da composição de representações: composição de enredos ou economia narrativa, composição de personagens, elaboração dos meios da representação, de um lado, busca dos efeitos dramáticos específicos (riso ou pranto), através de gêneros de representação específicos (épicos, trágicos ou cômicos), por outro lado. (GOMES, 2004, p. 317)

Existem várias maneiras de se introduzir a política no circuito informativo dos meios de comunicação de massa. Um dos mais conhecidos modos de introdução é a propaganda

eleitoral gratuita e através da vontade do proprietário do veículo. Gomes (2004) aponta três aspectos: eficácia informativa, racionalização dos processos produtivos e eficiência técnica no tratamento dos materiais informativos, para que um fato se torne notícia.

A eficácia informativa é a capacidade de atender todos os propósitos que o veículo estabelece. O principal objetivo desses sistemas informativos é captar a atenção do público. Já a racionalização dos processos produtivos estabelece rotinas produtivas que possibilitam eficiência na recolha, seleção e edição dos materiais, para que seja cumprida uma cota de notícias num determinado espaço de tempo. A eficiência técnica refere à capacidade de um evento poder se tornar um material útil para a televisão e não ser um conveniente material audiovisual.

Gomes (2004) cita três subsistemas da lógica do entretenimento: a ruptura, a diversão e o drama. A ruptura da regularidade tem o objetivo de prender a atenção do público, com a ruptura da regularidade e da normalidade. Os políticos tentam fugir da rotina previsível através de acontecimentos-notícias políticos, com eventos que tenham características não-cotidianas. O segundo subsistema é a diversão, em que o objetivo é proporcionar prazer através da recreação. Há várias formas de conceder prazer ao público, uma delas é evitar o que não é divertido. Mas deve ressaltar que na política, os discursos são previsíveis, o que é tedioso para o público.

O terceiro subsistema do entretenimento é o drama. Neste contexto, os acontecimentos transformam-se em encenações com enredo, cenário, personagens e papéis. Percepção comum na política, que cria personagens e produz encenações através de várias formas de representação. Gomes (2004) afirma que o jornalismo espetaculariza a cobertura política para que desta forma o conteúdo se encaixe na lógica do entretenimento.

3 IDENTIDADE FEMININA

3.1 A concepção de identidade

A partir da discussão proposta pelo estudo em analisar a relevância da mídia como instância de representação articulada a questões como discurso e linguagem, compreende-se que estas são instrumentos de construção social, ou seja, a linguagem e a mídia fundamentais no processo de socialização. Mas na análise do programa *Saia Justa*, que vai ao ar pelo canal de TV a cabo *GNT*, é fundamental também a representação da identidade feminina construída a partir do programa de entretenimento.

Em “*O Poder da Identidade*”, Manuel Castells (1999) articula duas tendências conflitantes do mundo atual: a globalização e a identidade. Para Castells, a globalização e uma nova sociedade são criadas com as transformações tecnológicas, sociais e culturais, sendo assim denominada de sociedade em rede, que é caracterizada pelas transformações humanas.

Stuart Hall (2001), em “A identidade cultural na pós-modernidade”, argumenta que a questão da identidade e da globalização não apenas caracterizam o mundo atual, como estão atreladas umas as outras. Identidade está relacionada ao processo de mudança conhecido como globalização e seu impacto sobre a identidade cultural. É o caráter de mudança na modernidade tardia, marcada por sociedades de modificação constante, rápida e permanente e por conflitos sociais e ambigüidades. Como conseqüências da globalização sobre as identidades culturais, o autor cita: a) as identidades nacionais, que, na sua visão, desintegram-se como reflexo do crescimento da homogeneização cultural e do pós-moderno, b) identidades nacionais e outras locais reforçadas pela resistência a globalização, e, por fim, c) identidades híbridas que tomam o lugar de identidades nacionais.

A sociedade é constituída por indivíduos que constroem suas identidades a partir de significados, compreendidos aqui como a identificação simbólica por parte de um ator social na sua vivência cotidiana, absorvidos no processo de individualização. Por sua vez, esses indivíduos exercem papéis distintos na sociedade. Castells (1999) destaca ainda que as normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade são as responsáveis em definir os papéis do indivíduo na sociedade.

No que diz respeito a atores sociais, entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. No entanto essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social (CASTELLS, 1999, p. 22).

Castells explica que as relações de poder são as responsáveis pela construção social da identidade. As manifestações identitárias são caracterizadas pela história de cada grupo. Algumas desenvolvem uma prática renovadora, enquanto outras se caracterizam pela resistência à mudança, outros por projetos de futuro.

Obviamente, identidades que começam como resistência podem acabar resultando em projetos, ou mesmo tornarem-se dominantes nas instituições da sociedade, transformando-se assim em identidades legitimadoras para racionalizar sua dominação. De fato, a dinâmica de identidades ao longo desta seqüência evidencia que, do ponto de vista da teoria social, nenhuma identidade pode constituir uma essência, e nenhuma delas encerra, *per se*, valor progressista ou retrógado se estiver fora de seu contexto histórico. Uma questão diversa e extremamente importante, diz respeito aos benefícios gerados por parte de cada identidade para as pessoas que a incorporam (CASTELLS, 1999, p. 24).

Numa retrospectiva, a construção da identidade da família é possível apontar o patriarcalismo, autoridade imposta pelo pai sobre a mulher e os filhos, como a estrutura responsável pela estruturação das sociedades ao longo da história, sendo ainda aspecto presente na descrição das sociedades contemporâneas. Castells argumenta que, para que a autoridade dos patriarcas fosse exercida, foi necessário que o patriarcalismo permeasse não só

por toda organização da sociedade, como da produção, do consumo, da política, da legislação e até mesmo da cultura.

Os relacionamentos interpessoais e, conseqüentemente, a personalidade, também são marcados pela dominação e violência que têm sua origem na cultura e instituições do patriarcalismo. É essencial, porém, tanto do ponto de vista analítico quanto político, não esquecer o enraizamento do patriarcalismo na estrutura familiar e na reprodução sócio-biológica da espécie, contextualizados histórica e culturalmente. Não fosse a família patriarcal, o patriarcalismo ficaria exposto como dominação pura e acabaria esmagado pela revolta da “outra metade do paraíso”, historicamente mantida em submissão (CASTELLS, 1999, p. 169).

A contestação da família patriarcal começa a ser observada ao final da década de 60 do século XX quando tendências encabeçadas por mulheres começam a ganhar visibilidade no mundo, tal como os movimentos feministas. A transformação do trabalho feminino, em que a mulher deixa de ser apenas dona-de-casa e começa a buscar sua inserção no mercado de trabalho remunerado, e o processo de conscientização da mulher são algumas das principiantes modificações pontuadas pelo autor responsáveis pelo fim da estrutura e da dinâmica da sociedade patriarcal. É a contribuição financeira das mulheres assumindo papel fundamental no orçamento doméstico.

A entrada maciça das mulheres na força de trabalho remunerado deve-se, de um lado, à informatização, integração em rede e globalização da economia e, de outro, à segmentação do mercado de trabalho por gênero, que se aproveita de condições sociais específicas da mulher para aumentar a produtividade, o controle gerencial e, conseqüentemente, os lucros (CASTELLS, 1999, p. 194-197).

Entretanto, tais mudanças acarretam também pontos negativos. A discriminação é um fator que marca a introdução da mulher ao mercado de trabalho. Castells (1999) observa que a mulher é reconhecida para ocupar cargos superiores ou cargos que exigem qualificações semelhantes com a dos homens, porém, com salários mais baixos e com menos segurança de estabilidade.

É importante ressaltar que, na maioria dos casos, não se pode dizer que as mulheres não tenham qualificações reconhecidas, ou que estejam fadadas a realizar tarefas menores; ao contrário, estão sendo cada vez mais promovidas a cargos multifuncionais que requerem iniciativa e bom nível de instrução, uma vez que as novas tecnologias exigem uma força de trabalho dotada de autonomia, capaz de adaptar-se e reprogramar suas próprias tarefas (CASTELLS, 1999, p. 204).

Outras ressalvas feitas por Castells (1999) são o significativo número de mulheres no mercado informal e o crescente índice de divergências entre os casais. “Por que não deveriam os homens ajudar nas tarefas domésticas se os dois membros do casal trabalham fora durante longas horas e ambos contribuem para o sustento da família?” (CASTELLS, 1999, p.210). Como oposição direta ao patriarcalismo, o autor apresenta também o Movimento Feminista.

(...) é que a essência do feminismo, como praticado e relatado, é a (re) definição da identidade da mulher: ora afirmando haver igualdade entre homens e mulheres, desligando do gênero diferenças biológicas e culturais; ora, contrariamente, afirmando a especificidade essencial da mulher, freqüentemente declarando, também, a superioridade das práticas femininas como fontes de realização humana; ou ainda, declarando a necessidade de abandonar o mundo masculino e recriar a vida, assim como a sexualidade, na comunidade feminina. (CASTELLS, 1999, p. 211).

Ao constatar o enfraquecimento do poder e da autonomia que o patriarcalismo legitima a dominação com base na idéia de que o provedor da família deve gozar de privilégios, é possível confirmar a fragilidade e decadência da ideologia do patriarcalismo. Articulando a esta questão, Hall (2001) explora questões para avaliar se existe uma “crise de identidade⁴”. Diante as velhas identidades, que por tanto tempo, estabilizaram o mundo social, começam a entrar em declínio. Assim, surgem novas identidades, e o indivíduo moderno começa a se fragmentar, até então, visto como um sujeito unificado.

(...) a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado

⁴ Descentralização dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos. Deslocamento ou descentração do sujeito (HALL, 2001, p. 9).

sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (HALL, 2001, p. 38).

Para o autor, um tipo diferente de mudança estrutural transforma as sociedades modernas no final do século XX, o que reflete na fragmentação de paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Ele apresenta três concepções distintas de identidade. O sujeito de Iluminismo que se baseia no indivíduo centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação. O sujeito sociológico é o indivíduo que ainda possui essência interior que é o “eu real”, mas interage num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. E o sujeito pós-moderno que é aquele que não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente. “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2001, p. 13).

O autor complementa que não importa as diferenças existentes entre os membros que se apresentem em termos de classe, gênero ou raça, pois uma cultura nacional sempre busca unificar todos em uma identidade cultural, para assim representar todos como pertencentes à mesma família nacional. Na história moderna, as culturas nacionais passam a dominar a “modernidade” e as identidades nacionais tendem a se sobrepor a outras fontes de identificação cultural. Entretanto, o autor afirma que é improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais, e sim, é mais provável que ela produza, simultaneamente, novas identificações globais e locais.

3.2 A identidade feminina: o que é ser mulher?

Uma das propostas centrais e de relevância crucial para prosseguir o estudo em questão, que são a representação dos papéis apresentados no programa *Saia Justa*, vinculado

na rede *Globosat Canais*, é compreender a identidade do que é ser mulher. Para trazer uma discussão sobre o que é a identidade feminina, optou-se, neste estudo, para num primeiro momento, trazer o conceito trabalhado na Psicanálise por Sigmund Freud. Mesmo sendo uma teoria complexa e alvo de muitas críticas no pensamento atual, a concepção freudiana continua sendo referência para muitos estudos, inclusive na interface com a Comunicação.

Toma-se como base para a discussão do pensamento freudiano sobre o que é ser mulher a dissertação “Um olhar sobre a histeria: do teatro histórico ao palco contemporâneo da sociedade do espetáculo”, da pesquisadora Ana Lúcia Osório de Oliveira (2004), que recorre principalmente ao "caso Dora" analisado por Freud e que auxilia nessa busca de identificações da personagem Dora.

Segundo Oliveira (2004), Dora é uma paciente de Freud, possui dezoito anos e que morava com a família, sendo esta composta pelos pais e um irmão que tinha um ano e meio a mais que ela. Quando criança, aos seis anos de idade, a paciente presencia o adoecer, tuberculose, de seu pai. Em conseqüente, Dora começa a mostrar sintomas neuróticos. Após tratamento e desaparecimento gradativo dos sintomas, o médico da família diagnosticou a sua doença como distúrbio puramente nervoso, excluindo qualquer causa orgânica para a disfunção.

Mais tardar, o pai de Dora apresenta outros problemas de saúde e procura Freud que diagnostica como uma doença infecto-contagiosa e cura sua doença, tornando-o assim muito grato ao psicanalista. A pesquisadora ressalta que é o Sr. K, amigo íntimo da família, quem faz a ligação entre Freud e o pai de Dora. Este é um personagem de grande relevância no caso de Dora. O Sr K foi o responsável por cuidar do pai de Dora durante sua enfermidade e o convenceu a viajar para Viena para consultar com Freud. Na puberdade, Dora começa a sofrer dores de cabeça unilaterais, semelhantes a enxaquecas e ter acessos de tosse nervosa. Com o passar dos anos, as enxaquecas tornam-se mais raras até o desaparecimento por completo, mas

os acessos de tosse nervosa permanecem.

Devido a um problema de perda da voz, que logo desapareceu, Dora já adolescente visita Freud, que a propõe um tratamento psicológico. Afonia que mais tardar tem sua causa diagnosticada por episódio que ficou conhecido como “a cena do beijo” do Sr. K.

De acordo com Oliveira (2004), Dora contou a Freud um episódio anterior com o Sr.K: ela tinha 14 anos, e o Sr.K combinara com ela e sua mulher de encontrarem-se, uma tarde, em seu local de trabalho para assistirem a um festival religioso. Contudo, ele persuadiu a esposa a ficar em casa e mandou seus empregados embora, ficando, assim, sozinho com Dora. Aproximando-se a hora da procissão, o Sr.K pediu à moça que esperasse por ele na porta que dava para a escada que levava ao andar superior, enquanto ele abaixava as portas externas. Em seguida, voltou e, ao invés de sair pela porta aberta, agarrou subitamente a moça e beijou-a nos lábios. Mas Dora teve repugnância, livrou-se do homem e passou por ele correndo, alcançando a rua. Nenhum dos dois nunca contaram a ninguém sobre esse fato, e Dora manteve-se em segredo até a confissão durante o tratamento. Outros acontecimentos igualmente marcantes vividos por Dora foram a cena do lago e a morte de uma tia – irmã de seu pai.

A cena do lago ocorreu da seguinte forma: O pai de Dora mantinha uma grande amizade íntima pela família K. Quando retornou de um passeio que fizera no lago, nos Alpes, Dora confessou à mãe que o Sr K tivera a audácia de fazer-lhe uma proposta amorosa enquanto andavam pelo lago. O Sr K fora chamado a dar explicações ao pai da moça e ao tio, mas negara, de forma enfática, ter tomado qualquer liberdade com a moça. Então, o Sr K começa a lançar suspeitas sobre a moça, dizendo que ouvira da Sra. K que Dora só tinha interesse pelos assuntos sexuais e que costumava ler *Fisiologia do amor* e livros dessa natureza em sua casa no lago. Afirmou, ainda, que essas leituras podem ter-lhe excitado, motivo que a levou a ter fantasiado tal cena (FREUD *apud* OLIVEIRA, 2004, p. 24).

Aos 18 anos, Dora começa a apresentar outros sintomas histéricos, como a intenção de suicídio. Na busca por explicar os sintomas histéricos, Freud relaciona as questões da paciente aos aspectos de sua estrutura familiar: o pai de Dora como uma figura dominante e a mãe

retratada como uma mulher inculta, que concentrou todos os seus interesses em assuntos domésticos e na dedicação quase que exclusiva ao filho.

Oliveira (2004) descreve que, em função de uma posição pouco atuante, Dora tem como construção de primeiro modelo feminino a tia, irmã de seu pai, que falece quando Dora tinha cerca de 16 anos. Em detrimento disso, a paciente fica sem um referencial para saber o que é mulher.

Apesar do distanciamento entre Dora e sua mãe, Freud descobre que também houve uma certa identificação. A ameaça de suicídio de Dora teria como objetivo, para ela, a tentativa de se colocar no lugar da mãe com ciúmes da Sra. K. Dora, nesse sentido, identificava-se com duas mulheres: a sua mãe e a Sra. K. Dora, nas sessões de psicanálise, criticou muitas vezes a postura do pai pelo fato de não querer romper sua amizade com a Sra. K, relação que Dora considerava ilícita. Trata-se de um questionamento projetivo por parte de Dora, em que ela criticava a si mesma por não ter denunciado o relacionamento do pai com a Sra. K. Dora, também, fazia acusações à Sra. K, pois esta adoecia quando o Sr. K estava presente. Mas, na realidade, era uma atitude projetiva, pois Dora é que adoecia na ausência do Sr. K.(OLIVEIRA, 2004, p. 27).

Fora do núcleo familiar, existe o casal Sr. e Sra. K, que mantém peculiar relação com a família de Dora. Enfermo, o pai de Dora é objeto de cuidados da Sra. K, “uma vez que a mãe de Dora estava ausente em todas situações, inclusive, em sua atitude de desconhecimento por tal doença” (OLIVEIRA, 2004, p. 25).

Num primeiro momento, Dora relata a Freud que o pai era amante da Sra. K e estava acumpliciado com o Sr.K. Já num segundo momento, Freud passa a questionar Dora, interrogando-a, com o objetivo de descobrir como ela sabia de tudo isso. Assim descobre, através de revelação de Dora, que a mesma manteve dos 14 aos 18 anos um caso com o Sr. K. Ele a tinha agarrado e lhe dado um beijo em sua boca (cena do beijo). “O Sr. K, portanto, representava, para ela, o substituto do pai” (OLIVEIRA, 2004, p. 26).

Para entender melhor o universo feminino e adquirir referência, Dora estabelece um pacto com o pai para que ele fosse amado pela Sra. K.; ela precisava da noção do que é uma

mulher amar a um homem. Entre todos os questionamentos de Dora, a questão a ser discutida é como se dá na paciente a problematização do feminino. A paciente oscila entre a imponente de pactos e silêncios de segredos pessoais à violenta, por outro, que bate no Sr. K. quando este afirma que a Sra. K não significava nada para ele.

Por isso, o autor no que diz respeito à Dora, vemos que ela era uma mulher que desejava, de certa forma, ocupar o lugar de um homem, para ela ser mulher é algo explicado através do encontro de um homem (seu pai), com uma mulher (Sra. K). Então Dora se liga a Sra. K para buscar nessa mulher a resposta do que é ser uma mulher (OLIVEIRA, 2004, p. 30).

Freud concluiu, depois de até mesmo duvidar de uma possível homossexualidade de Dora (tendo em vista a sua ligação estreita com a Sra. K), que, na verdade, esta amizade com a possível amante de seu pai era uma tentativa de desvendar, projetando-se na Sra.K, o que significa ser mulher frente a um homem.

A teoria de Freud de que a identidade, a sexualidade e a estrutura de desejos, formados com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente funcionam de acordo com uma lógica distinta da razão, reflete ainda hoje um impacto sobre o pensamento moderno. Seguindo ainda uma linha polêmica no pensamento ocidental sobre o universo feminino, Simone de Beauvoir (1980), no seu livro “O segundo sexo”, traz um estudo sobre a mulher, colocando-a como o segundo sexo, ou seja, numa condição inferior frente ao homem, em todos os sentidos da vida.

Segundo a autora, a característica mais evidente na mulher é a resignação, pois acredita que foi criada para sofrer, e é esta resignação que alimenta a paciência, tendo em vista que suporta muito mais que o homem o sofrimento físico que geralmente enfrenta com bravura. A mulher nasce fadada à submissão ao poder masculino e, mesmo quando se emancipa, vive conflitos entre a mulher independente, a mãe e a esposa. Ela está mergulhada no sensitivo, na magia, na grandiosidade das forças ocultas, na astrologia, nas cartomantes, nos mitos, vê no futuro uma duplicata do passado.

Beauvoir (1980) pontua que o homem também vive em conflito, porém este é fruto de seus interesses. E esse existe de maneira a facilitar a ele homem suas necessidades. O exemplo mais claro é a prostituição, que só existe devido à lei da procura e da oferta. A lei da ordem e da moral é diferente para os homens, pois tudo vai de acordo com seus interesses. Incentivam na mulher tudo aquilo que o faz depreciá-la.

Segundo a autora francesa, a mulher reafirma sua feminilidade de fora para dentro, artificialmente, seguindo modas e costumes. E isso é um reflexo cultural, foi assim que ela aprendeu, foi assim que foi criada e é convicta que suas conquistas partem daí. A mulher limitada a um narcisismo que não a deixa crescer e até o amor que ela dedica a si mesma se estereotipa. É a preocupação exacerbada com a aparência e com a vaidade. Com a meia fina que representa sua fragilidade, com o deparar com a velhice, com a vida erótica e sentimental prejudicada. Tanto para as mulheres ditas independentes, como para aquelas que assumiram seus papéis de acordo com o que a sociedade propõe, ou seja, papéis de servidão ao homem, ambas terão sua sexualidade e sua vida sentimental sempre em conflito.

Beauvoir (1980) apresenta outras afirmativas polêmicas, tais como o fato de que a mulher não age pelo raciocínio, mas pela emoção, por isso vive no mundo da fantasia. Quando à emoção esboçada em lágrimas não são suficientes para aliviar sua angústia, a mulher entrega-se ao desespero, e se envolve em cenas e crises. E em função destas características que a colocam numa posição de inferioridade, podem ser consideradas “vassalas” do homem.

Para Beauvoir, muitas mulheres abandonam seus esforços e retornam à posição de inferioridade total e voltam a necessitar do sustento pleno do marido, outras, por sua vez, acabam por serem exploradas em suas duas funções, recebem um mínimo salário na rua e, a proteção masculina em casa ao realizar trabalhos domésticos. Mas existe também uma parte considerável daquelas que são privilegiadas em encontraram em sua profissão uma autonomia

econômica e social, sendo essas as responsáveis pelos debates entre feministas e antifeministas.

E quando o assunto é a sexualidade feminina, Beauvoir (1980), considera o fato da constante preocupação das mulheres com as doenças e a gravidez, uma vez que, para os homens, não é de responsabilidade dele macho se prevenir. E destaca também a dificuldade que a mulher enfrenta para diferenciar sexo de amor. Em geral, as mulheres mais velhas são as que conseguem separar o erotismo do sentimento, o que é impossível quando é mais jovem. Às mulheres, cabe sempre a posição de presas e, quando invertem os papéis, correm no risco de serem desdenhadas, o que as levaram a se sentirem terrivelmente humilhadas.

Não se admite que ela possa como o homem, assumir seus desejos: ela é a presa. Esta bem entendido que, o homem integrou as forças específicas em sua individualidade: ao passo que a mulher é a escrava da espécie. Representando-a por vezes como uma pura passividade: é uma “Maria, deita-te aí: somente o ônibus não lhe passou por cima”. Disponível, aberta, é um utensílio, sede molemente ao feitiço da emoção, é fascinada pelo homem que a colhe como fruto. Ora encaram-na como uma atividade alienada: tem um demônio que lhe sapateia na matriz, no fundo de sua vagina uma serpente ávida aguarda para se empanturrar com o espermatozoide do macho. (BEAUVOIR, 1980, p. 459).

Na França, segundo Beauvoir, as mulheres livres são consideradas fáceis, já, na América do Norte, a liberdade sexual da mulher é reconhecida. No entanto, em todas as camas, é ao macho que prevalece o direito da conquista, do apropriar-se. À mulher, cabe o papel de possuída, pois é na cama que o homem deve reafirmar sua agressiva superioridade.

Ao discutir a mulher independente, Beauvoir (1980) acredita que as mulheres já caminharam bastante em sua trajetória de liberdade ao mundo criado e dirigido pelos homens. E constata que a mulher está, sem dúvida, trilhando o caminho para sua liberdade. É natural que ela queira ou precise se conhecer para então colocar seu orgulho além da diferenciação sexual. A mulher, sem consistência das suas verdades, sem autonomia, e sem acreditar no que seus olhos vêem, segue desnordeada.

Articulando às discussões consideradas clássicas da Psicanálise com a atualidade, é importante destacar aqui o trabalho da jornalista Leila Ferreira, 50 anos, que, com uma bagagem de mais de mil entrevistas, lançou, em 2007, o livro que contém o depoimento de 52 mulheres de todo o país, *“Mulheres... Por que será que elas...”*. Ferreira (2007) traz argumentos que podem ser articulados às idéias Beauvoir, principalmente no que diz respeito aos conflitos que a mulher enfrenta no mundo contemporâneo frente aos diversos papéis que assume. Ainda hoje, as mulheres, com a necessidade de sentirem seguras, recorrem a cartomantes, astrologia ou forças ocultas.

Para a jornalista Leila Ferreira (2007), a mulher de hoje é uma pessoa dividida, porque ainda não é aquela mulher que o feminismo propôs e ao mesmo tempo não é mais a mulher de antigamente. As mulheres se parecem bastante com gerações passadas, como de nossas avós, tias, mães, mas ao mesmo tempo já não são aquelas mulheres. É um conflito entre os velhos e os novos papéis. Isso acarreta uma crise de identidade intensa. A mulher de hoje sabe que ela pode e deve ser livre, autônoma, independente, confiante. Ela tem o direito de escrever a própria história, de desenhar o próprio destino. Mas ao mesmo tempo, em contraponto entram em questão os resquícios de uma cultura de tantos séculos de história, de submissão, de condicionamento. Segundo a jornalista, fica difícil romper de um momento para o outro com este modelo antigo, sendo que as mudanças são muito recentes. É um desafio para a mulher passar a escrever a própria história de uma forma tão incisiva e tão rápida como tem sido exigido.

Leila Ferreira (2007) afirma que mais de duas décadas não muito se diferencia. Para a jornalista, a mulher de hoje é uma viajante que tem carregado uma bagagem pesada e tem tentado se desvencilhar do que é desnecessário naquela bagagem. A mulher contemporânea parece não saber exatamente para onde ela tem que caminhar. Ela faz referência ao filósofo Mário Sérgio Cortella, que trata da Síndrome de Cristóvão Colombo, “quando ele saiu, ele

não sabia para onde ia, quando ele chegou, não sabia onde estava”. Essa é a mulher atual, que anda meio atordoada. Mas a jornalista acredita que a saída está na liberdade que tanto assusta essa mulher. Em sua concepção, não há nada tão saudável quanto à liberdade de existir e de criar as próprias regras, as nossas próprias diretrizes, enfim a liberdade de desenhar a própria existência.

4 ESTUDO DE CASO: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO PROGRAMA SAIA JUSTA

4.1 Metodologia de Análise

O programa *Saia Justa*, exibido pelo canal GNT, da rede *Globosat Canais* da empresa *Rede Globo de Televisão*, apresentado por cinco mulheres - Ana Carolina, Betty Lago, Maitê Proença, Márcia Tiburi e Mônica Waldvogel, sendo a última, responsável por conduzir e dar o ritmo ao programa. A jornalista Mônica é âncora do *Saia Justa*, desde a sua estréia em abril de 2002 -, discute assuntos a partir dos quais as apresentadoras, que também podem ser reconhecidas como personagens, debatem seus pontos de vista e também relatam experiências pessoais. Os temas discutidos são referenciados, sobretudo pela bagagem cultural e vivência pessoal de cada uma. Tal estruturação do programa apresenta-se assim como elemento de reflexão para a compreensão da representação da mulher no Programa *Saia Justa*, a partir da análise do posicionamento dessas mulheres e da maneira como constroem a imagem feminina veiculada pela televisão brasileira.

A análise semanal do programa *Saia Justa*, exibido todas as quartas-feiras às 22:30, foi feita no período de um mês, o que equivale a quatro edições, referentes aos dias 04, 11, 18 e 25 out. 2006. Para compreender a representação da imagem feminina veiculada no programa, procede primeiramente a descrição de maneira objetiva de cada um dos quatro programas.

Num segundo momento, foi desenvolvida a análise de conteúdo que se divide nas seguintes categorias analíticas: a) a comunicação de massa e a linguagem televisiva, b) a representação da mulher e o mundo feminino, c) a relação entre informação e entretenimento, d) o alcance midiático e a ruptura entre o plano público e privado, e) o papel das apresentadoras e a linguagem utilizada e a relação de poder entre as mesmas. Procura-se, dessa forma, compreender a representação feminina, perceber o processo de construção da

identidade feminina no programa *Saia Justa*, a mudança de papéis sociais, o dilema do que é ser mulher e os conflitos da mulher contemporânea, que se equilibra entre a submissão e/ ou a emancipação.

4.2 O Canal GNT e o Programa *Saia Justa*

O programa *Saia Justa*, que estreou em abril de 2002 no canal GNT, da rede *Globosat Canais*⁵, é integrado por pessoas do sexo feminino que discutem temas diversos referentes ao cotidiano, como sexo, namoro, traição, casamento, homossexualismo, família, política, misticismo, entre outros. Em sua primeira formação, contava em seu elenco com a jornalista e âncora oficial do *Saia Justa*, Mônica Waldvogel⁶, a cantora e compositora Rita Lee⁷, a atriz Marisa Orth⁸ e a escritora Fernanda Young⁹. Em sua edição especial de número 100, maio de 2004, Rita Lee despediu-se do programa. Em agosto do mesmo ano, quem se integrou ao grupo foi a cantora e compositora Marina Lima¹⁰.

⁵ Globosat Canais é uma programadora de TV por assinatura pertencente às Organizações Globo, também proprietária da Rede Globo de televisão.

⁶ Paulista de Moema, Mônica Waldvogel é jornalista formada pela Escola de Comunicação e Arte da USP. Trabalhou na Rede Globo até 2004, onde apresentou o Jornal da Globo e o Jornal Hoje. Atualmente apresenta o programa feminino "Saia Justa", no canal pago GNT. Trabalhou no SBT 2004 a 2006 onde apresentava o programa de entrevistas "Dois a Um". Em março de 2006 passou a integrar o time de âncoras do Jornal das Dez, no canal pago GloboNews (Dados obtidos no site http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%B4nica_Waldvogel).

⁷ Rita Lee Jones (São Paulo, 31 dez. 1947) é cantora, compositora e instrumentista brasileira. Seu estilo vai do rock and roll, passando pelo rockabilly e a música romântica. Em quase quarenta anos de carreira, já compôs inúmeros sucessos para si mesma e para artistas como João Gilberto, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Elis Regina, Gal Costa, Maria Bethânia, Milton Nascimento, Simone, Ney Matogrosso, Zizi Possi, Marisa Monte, Marina Lima, Zélia Duncan (que atualmente a substitui no revival d'Os Mutantes, banda de Rita nos anos 60 e 70), Cássia Eller, Paula Toller, Paul Mauriat e Gloria Estefan (Dados obtidos no site http://pt.wikipedia.org/wiki/Rita_Lee).

⁸ Marisa Domingos Orth nasceu em 1963 na cidade de São Paulo. É atriz e cantora brasileira, famosa por interpretar a personagem Magda no seriado *Sai de Baixo* da rede Globo. Já participou de telenovelas, séries e filmes. Em 1997 posou nua para a revista Playboy (Dados obtidos no site http://pt.wikipedia.org/wiki/Marisa_Orth).

⁹ Fernanda Maria Young de Carvalho Machado (Niterói, 1 de maio de 1970) é escritora, roteirista e apresentadora de televisão brasileira (Dados obtidos no site http://pt.wikipedia.org/wiki/Fernanda_Young).

¹⁰ Marina Correia Lima nasceu no Rio de Janeiro no ano de 1955. É uma das figuras femininas pioneiras do rock e da música eletrônica brasileira. Cantora e compositora brasileira (Dados obtidos em http://pt.wikipedia.org/wiki/Marina_Lima).

No ano de 2005, o programa, que é semanal, estreou nova temporada. Na composição permaneceu como âncora a jornalista Mônica Waldvogel. Renovaram a equipe as atrizes Betty Lago¹¹ e Luana Piovani¹² e a filósofa Márcia Tiburi¹³. Para diferenciar e tornar o programa mais dinâmico foram inseridos quadros inéditos e a montagem de um novo cenário, modelado por *design* moderno, cores harmônicas, que destacam as mulheres, ideal para oferecer ao telespectador a sensação de conforto e sugerir envolvimento deste no bate-papo. Em 2006, com nova dinâmica, passando a contar com cinco debatedoras, o grupo, agora sem a atriz Luana Piovani, soma a seu elenco a atriz Maitê Proença¹⁴ e a cantora e compositora Ana Carolina¹⁵.

¹¹ Atriz nascida em 1955 na cidade do Rio de Janeiro. Começou carreira como modelo. Estreou na televisão brasileira em 1992 na minissérie Anos Rebeldes. Já no cinema, sua estréia aconteceu em 1976, numa ponta não creditada no filme Dona Flor e Seus Dois Maridos, pois a cena acaba sendo cortada na edição final. (Dados obtidos em http://pt.wikipedia.org/wiki/Betty_Lago).

¹² Luana Elídia Afonso Piovani nasceu em Jaboticabal, São Paulo em agosto de 1976. Modelo e atriz brasileira, possui site e blog oficial em que fala do seu cotidiano (Dados obtidos em http://pt.wikipedia.org/wiki/Luana_Piovani).

¹³ Filósofa, graduada em filosofia e artes e mestre e doutora em filosofia pela UFRGS. Publicou livros de filosofia, entre eles a antologia As Mulheres e a Filosofia (Editora Unisinos, 2002) e O Corpo Torturado (Escritos, 2004), além de Uma outra história da razão (Ed. Unisinos, 2003). Pela editora Escritos publicou em co-autoria Diálogo sobre o Corpo, em 2004, e individualmente Filosofia Cinza - a melancolia e o corpo nas dobras da escrita. Em 2005 publicou Metamorfoses do Conceito (ed. UFRGS) e o primeiro romance da série Trilogia Íntima, Magnólia, que foi finalista do Jabuti em 2006. Em 2006 lançou o segundo volume A Mulher de Costas. É professora da pós-graduação em humanidades da FAAP, do CER da Revista Cult, além de conferencista e participante do *Saia Justa*, do GNT (Dados obtidos em <http://www.marciatiburi.com.br/curriculo.htm>).

¹⁴ A atriz brasileira Maitê Proença Gallo nasceu em 28 de janeiro de 1960, na cidade de São Paulo. Iniciou o curso de graduação de Psicologia na PUC-SP, mas não o concluiu. Foi capa de revistas masculinas, como a revista Playboy. Participou de inúmeras novelas, peças teatrais e filmes como atriz. Assinou uma coluna de crônicas na revista Época. As crônicas foram reunidas em um livro, intitulado 'Entre os ossos e a escrita'. Em 2005 estreou como autora teatral com a peça *Achadas e perdidas* (Dados obtidos em http://pt.wikipedia.org/wiki/Mait%C3%AA_Proen%C3%A7a).

¹⁵ Nascida na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, a cantora, compositora, arranjadora, violonista e percussionista Ana Carolina começou cantando nos bares de sua cidade e teve seus primeiros espetáculos produzidos pela atriz e cantora Zezé Motta. Em decorrência a sua voz de timbre grave, Luciana de Moraes, filha de Vinicius, resolve apostar em sua carreira. Assim, em 1999, Ana lançou seu primeiro álbum, "Ana Carolina", que teve como destaque a música "Garganta" (feita para ela pelo compositor Totonho Villero). Em 2003, Ana Carolina lança seu terceiro CD, "Estampado", obtendo reconhecimento da crítica e aprovação do público. No mesmo ano é lançado também o DVD "Estampado", um misto de filme-documento e musical, com performances de voz e violão da artista. Em 2005, Ana Carolina lança "Ana & Jorge", o álbum que registra um show que a cantora fez em parceria com Seu Jorge em agosto de 2005, em São Paulo (Dados obtidos em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ana_Carolina_\(cantora\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ana_Carolina_(cantora))).

4.3 Análise Descritiva

A análise do programa exibido pelo canal GNT, da rede *Globosat Canais*, foi feita a partir da gravação do mesmo no período de um mês. O estudo contempla, portanto, quatro edições, referentes aos dias 04, 11, 18 e 25 do mês de out. 2006.

O programa apresenta uma chamada inicial, que, geralmente, é referente ao assunto que será discutido no segundo bloco. O *Saia Justa* é composto por três blocos de conversa entre as cinco integrantes (Ana Carolina, Betty Lago, Maitê Proença, Márcia Tiburi e Mônica Waldvogel) e conta também com depoimentos gravados de convidados. Entrevistas ou depoimentos podem ser exibidos como uma pergunta às participantes (Quadro denominado “Lado B”) ou para compor ou acrescentar algum comentário referente ao assunto debatido. Inclui ainda a participação por *e-mail*, de telespectadores que enviam comentários, críticas, elogios ou perguntas, que são comentados pelas integrantes. Por fim, conta também com o momento denominado “Data Saia”, no qual a âncora Mônica Waldvogel apresenta pesquisas e dados informativos sobre assuntos diversos, para lançar um tema a ser discutido.

O programa não possui uma forma padrão para finalizar. Muitas vezes, as apresentadoras lêem cartas, *e-mails* etc, e continuam o bate-papo apenas com o aceno de um “tchau” da jornalista e âncora Mônica Waldvogel.

O cenário do programa é composto por um sofá retangular que coloca as apresentadoras umas de frente para as outras. É produzido num estilo mesa-redonda, mas em um ambiente aconchegante e confortável para assim tornar o telespectador mais um componente daquele grupo. Ao lado ou atrás de cada apresentadora/personagem, encontram-se objetos que sugerem o perfil de cada uma. Como exemplo, um violão localizado atrás da cantora Ana Carolina e livros atrás da filósofa Márcia Tiburi.

4.3.1 Programa exibido no dia 04 out. 2006

Na edição do dia 04 out. 2006, a chamada do programa é referente a questões íntimas e de comportamento como a traição. Betty Lago e Maitê Proença instigam o telespectador a querer saber sobre situações particulares de cada uma a respeito do tema.

O assunto de destaque que centraliza o debate no primeiro bloco é o resultado das eleições, em virtude do resultado da votação eleitoral realizada no domingo dia 01 out. 2006, em que os candidatos Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Geraldo Alckmin (PSDB) foram para segundo turno na disputa à Presidência da República. São apresentados e comentados outros resultados regionais, como o fato de Fernando Collor ter sido eleito Senador por Alagoas e Clodovil Hernandes vencer, com ampla votação, para deputado federal. No mesmo domingo, o acidente entre o jato Legacy e o Boeing da Gol, que causou a morte de todos os passageiros e tripulantes da aeronave, movimentou a mídia nacional e internacional.

Diante do contexto e da repercussão desses acontecimentos, o primeiro bloco começa com uma fala indignada da filósofa Márcia Tiburi que ressalta o seu espanto com o resultado das eleições. Diz que nunca presenciou tanto corrupto ser votado enquanto tantas pessoas do bem não conseguiram serem eleitas. Mas fica satisfeita com o fato de haver segundo turno na eleição presidencial, por acreditar ser um tempo extra para as pessoas pensarem mais e deixarem de serem ingênuas e bobas na hora de votar. A jornalista Mônica Waldvogel apresenta um contraponto e acredita que a definição em quem votar é decidida pelo quadro econômico do país. Ela exemplifica, apresentando dados com o perfil do eleitorado, que pessoas de baixa renda, que são beneficiadas com os programas Bolsa-Família e Bolsa-Escola, votaram no candidato à reeleição Luiz Inácio Lula da Silva. Diante de tais dados, ela acredita que o eleitorado não é tão ingênuo ou bobo como a filósofa afirmou. Já Maitê

Proença considera que quem tem personalidade é que assume o poder. Márcia Tiburi, por sua vez, acrescenta que, num um país marcado pelo populismo, quem se transforma e faz personagem, leva vantagem.

Ainda nesse bloco, entram o depoimento de Clodovil Hernandes falando sobre seus projetos para o cargo que vai assumir na Câmara dos Deputados e um comentário do deputado federal Fernando Gabeira acerca das surpresas nas eleições. Gabeira conclui que, mesmo com alguns nomes controversos, o fato é necessário para o Congresso avançar.

Ao finalizar o bloco, Mônica Waldvogel comenta que o dia de eleição parece ser dia festivo nos colégios que viram zonas eleitorais, devido à bagunça e ao movimento de pessoas. Márcia Tiburi, Betty Lago e Ana Carolina mudam o rumo da conversa e entram com notícias e situações descritas referentes ao acidente entre o jato Legacy e o Boeing da Gol. Márcia Tiburi afirma que, em virtude do acidente aéreo, nem se sentiu abalada com o resultado da eleição.

O segundo bloco é aberto com a apresentação do estudo “Data Saia”. A âncora Mônica Waldvogel relata dados de pesquisa americana que comprovam que a mais dolorosa traição é aquela que envolve o melhor amigo do seu parceiro. Discutindo o assunto, Maitê Proença relata uma situação pessoal para exemplificar a questão. No decorrer do bloco, são apresentadas situações de telespectadores que mandam *e-mail* para as integrantes do programa responderem. O primeiro é o relato de uma telespectadora que afirma estar apaixonada pelo marido da amiga, que antes parecia tímido, mas que agora começa a assediá-la. O segundo *e-mail* pergunta qual a opinião das debatedoras sobre uma amiga da telespectadora, que foi sua madrinha de casamento e atualmente está com o seu ex-namorado, o seu primeiro em tudo. Ela afirma que, mesmo tendo trocado seu “ex” para ficar com o atual marido, não aceita a situação. As cinco integrantes do *Saia Justa* discordam da posição da telespectadora e a consideram careta. Depois, o assunto em questão é como se livrar dos personagens que as

atrizes Betty Lago e Maitê Proença encenam no decorrer da vida de atrizes. Assunto que será detalhado no decorrer deste estudo.

O terceiro bloco é pautado por *e-mails* com críticas, elogios e relatos de casos a serem discutidos pelas apresentadoras. O primeiro a ser lido pela âncora Mônica Waldvogel coloca em questão a briga de egos e poder na televisão criados pelas integrantes do *Saia Justa*, o que torna o programa, segundo a telespectadora, chato e burocrático. Um segundo *e-mail* pede mais leveza na discussão dos assuntos e um último elogia o programa em sua totalidade. Em seguida, são apresentadas questões pessoais de telespectadores que correspondem com o programa, entre os assuntos a pergunta “*Cumplicidade é diferente entre a amizade de homem e de mulher?*”.

4.3.2 Programa exibido no dia 11 out. 2006

Na edição do dia 11 out. 2006, a chamada do programa é um rápido bate-papo entre Maitê Proença e Ana Carolina sobre mulheres bonitas e interessantes que namoram homens feios. Querem eles na cama, mas têm vergonha de sair com os mesmos na rua.

No primeiro bloco, Mônica Waldvogel relata dados que mostram que as mulheres passam a ter cada dia menos filhos, seja nos centros urbanos ou na área rural. Diante dessa informação, a jornalista lança uma pergunta às outras quatro integrantes do grupo: “*Por que acham que isso está acontecendo?*”. Elas se revezam ao discutirem questões como pensamentos tradicionais, que relacionam a realização pessoal da mulher à maternidade e às sensações no processo gestacional.

Já no segundo bloco o assunto é o da chamada sobre mulheres que se relacionam com homens feios. O que existe de errado com elas? Ou o que elas possuem? A partir dos depoimentos gravados do jornalista Xico Sá e do poeta Fabrício Carpinejar, homens

considerados fora do padrão estético, as apresentadoras do *Saia Justa* discutem desde técnicas desenvolvidas por homens feios no momento da conquista que os tornam imbatíveis até questões de psicanálise relacionadas com o fato do homem ter boa performance no momento de uma relação sexual.

O terceiro bloco é estruturado a partir da leitura de *e-mails* que discutem e apresentam situações relacionadas a amigos complicados e como fazer para lidar com pessoas de temperamento e comportamento difícil.

4.3.3 Programa exibido no dia 18 out. 2006

Na edição do dia 18 out. 2006, a chamada do programa é referente a cuidados necessários para tratar dos cabelos. Ana Carolina e Márcia Tiburi falam das pretensões para as madeixas, Márcia Tiburi chama a atenção para si quando afirma querer raspar a cabeça.

O assunto de destaque do primeiro bloco é uma pergunta apresentada pela âncora Mônica Waldvogel - "*O que é ser rebelde nos dias atuais?*". As cinco mulheres conceituam rebeldia e debatem a cerca dos pontos que justificariam enquadrar certas atitudes violentas ou mesmo identificar uma pessoa como rebelde. Ainda no primeiro bloco, entra um depoimento gravado do rapper MV Bill que relata o que é a rebeldia na favela: "*É não esperar que o governo público faça as coisas necessárias. É se movimentar, de maneira participativa, com uma postura simplista na ordem do governo (sic). É aprender a viver na prisão sem muro, que é a alienação*". Após o depoimento, é discutido o movimento *hip-hop*. Para finalizar o primeiro bloco, o programa traz o relato pessoal das apresentadoras/ personagens sobre qual foi a maior rebeldia de suas vidas.

O segundo bloco inicia com o "Data Saia" em que o tema é como cuidar dos cabelos. Mônica Waldvogel e Betty Lago apresentam pesquisas feitas na Europa que indicam a

preferência das mulheres por determinado tipo de cabelo, receitas caseiras para tratamento e qual a tonalidade de cabelo as mulheres preferem. A partir dessas informações, as cinco conversam sobre o tempo que gastam pensando na vaidade e relatam traumas pessoais que viveram em salões de beleza.

No terceiro bloco do programa, o quadro “Lado B” (quadro em que um homem faz uma pergunta “saia justa” para as apresentadoras) traz o escritor Santiago Nazarian que coloca em questão a imaginação das apresentadoras caso não existisse mais homens no mundo e fosse oferecido a oportunidade de beijar um animal para transformá-lo em homem, que animal gostaria que fosse, para que esse se transformasse no homem da sua vida?

Após as respostas, Mônica Waldvogel e Márcia Tiburi sugerem para debate o problema de duas amigas. Waldvogel relata o caso de uma amiga que não consegue mais arrumar emprego após ser demitida por ter resistido à cantada do chefe e ter de mover um processo de abuso sexual contra o mesmo. Márcia Tiburi conta da sua amiga que aceitou a proposta do namorado de ter um casamento aberto e após alguns anos acabou desgostando da situação pelo fato dele ter várias parceiras e ela não ter feito o mesmo. Ela gosta do marido, mas não quer mais viver a situação e busca uma saída. As apresentadoras opinam sobre as situações e finalizam o programa com um *e-mail* de um telespectador que pede para Ana Carolina explicar sua afirmação: “*Não existe música brega, e sim interpretação brega*”. Ana Carolina explica, exemplifica e canta a música “Evidências”, composição de José Augusto e Paulo Valle.

4.3.4 Programa exibido no dia 25 out. 2006

No programa do dia 25 out. 2006, os temas abordados são a sorte no primeiro bloco, consumo no segundo e lições de mau comportamento e política, dividindo o terceiro bloco.

Na chamada do programa, a apresentadora Ana Carolina distribui para as outras quatro integrantes “biscoitinhos da sorte” e cada uma dessas lê sua sorte. Por fim, Ana Carolina conta a estória do “biscoitinho da sorte” e apresenta o primeiro tema a ser debatido no programa.

Ao iniciar o primeiro bloco, a âncora Mônica Waldvogel mostra trecho do filme *Match Point* (2005) de Woody Allen que tem como idéia central “quem tem sorte não precisa tanto da moral”, reflexão que é posta pela jornalista. Com uma linguagem informal, as apresentadoras conduzem o programa como um “bate papo” entre amigas, que oscilam de comentários referente à beleza do protagonista do filme a citações de “O Príncipe” de Maquiavel.

No tema sorte, as apresentadoras/personagens discutem questões como o otimismo, o pessimismo, a intuição, a interferência cósmica, o condicionamento e posicionamento diante de situações favoráveis que acontecem na vida. Para ilustrar a conversa, Mônica Waldvogel exhibe o depoimento do teólogo Antônio Marchionni que relaciona a sorte com o acreditar em Deus.

No segundo bloco, as apresentadoras discutem o assunto compras e consumismo. Com uma conversa descontraída, informam o telespectador, brincam com a situação - ao apontarem quais os supérfluos não cortariam de suas vidas.

No terceiro e último bloco, Mônica Waldvogel coloca em discussão um livro americano que apresenta lições práticas de comportamento para se adaptar a diferentes grupos sociais, que inclui desde a utilização de mentiras no currículo para adquirir um bom emprego a situações como, quando, obrigatoriamente, o indivíduo tem sempre que ser o centro da atenção, mesmo que para isso seja necessário fazer apelo sexual. Dicas que são comentadas e algumas ironizadas pelas apresentadoras no desenvolver do bloco.

Também neste bloco, o quadro “Lado B” traz o ator Marco Ricca que coloca em questão se é necessário sujar as mãos para fazer alguma coisa, já que para fazer política, muitos sujam. Antes de responderem, a atriz Betty Lago enumera profissões nas quais são necessárias sujar as mãos, como escultor, pintor, jardineiro. O diálogo transcorre de forma descontraída, mesclando a todo momento informação com entretenimento. Após discutirem posturas inadequadas de famosos, concernentes à posição dos mesmos diante do atual governo Lula, a jornalista Mônica Waldvogel conclui respondendo a pergunta a partir de seu ponto de vista. Nesse sentido, não levam ao telespectador respostas objetivas e claras, pois, na maior parte das vezes, são comentários feitos de forma solta e descontextualizada.

O programa é finalizado com a divulgação da campanha “O Brasil vai dá certo porque eu quero” da Revista *Cult*. A apresentadora Márcia Tiburi distribui camisas às integrantes e explica o intuito solitário e democrático da campanha.

4.4 A representação da mulher no *Saia Justa* - Análise de Conteúdo

4.4.1 O mundo feminino do *Saia Justa* - entre a informação e o entretenimento

A – A construção de um mundo que rompe as fronteiras entre o público e o privado

De início, é importante retomar a tese segunda a qual a realidade é construída socialmente, via linguagem. Conforme Berger e Luckmann (1998), é por meio da linguagem que os homens compartilham as regras sociais e estabelecem parâmetros de convivência. Os autores argumentam que o mundo social é construído a partir desta relação dialética do homem com o mundo que é seu produto e produtor ao mesmo tempo.

Podemos afirmar que o Programa *Saia Justa* constrói determinadas versões do real, ao abordar o mundo feminino. Constatase, a partir das evidências empíricas, que a principal característica do universo construído pelo programa é a mistura entre informação e entretenimento, feita de uma forma fragmentada, num tom informal, principalmente a partir da idéia de um bate-papo entre as integrantes. Elas encenam vários papéis sociais (Goffman, 1999), oscilando entre posturas sérias na discussão de questões públicas, no relato de situações pessoais, até em momentos mais descontraídos de brincadeiras.

Tomando como base os quatro programas, fica evidente que o referencial de mundo diz respeito a um universo feminino que vive uma certa crise de identidade, entre a mulher emancipada e a mulher tradicional (Beauvoir, 1980). Percebe-se, também, a mistura entre assuntos da vida pública e da esfera privada e íntima. No primeiro programa, do dia 04 out. 2006, o assunto de destaque diz respeito a questões íntimas, como a traição. Trata-se, portanto, de um assunto privado, abordado num ambiente de dimensão pública, que é a televisão. Isso se repete na edição do dia 11 out. 2006, quando o principal assunto é a discussão sobre o fato de mulheres bonitas e interessantes se relacionarem com homens feios. Seguindo esta linha de exploração de temas do universo privado e íntimo, o programa do dia 18 de outubro de 2006 traz o tema referente aos cuidados com o cabelo. No dia 25 out. 2006, a questão em debate refere-se à sorte.

Constata-se, por exemplo, no segundo bloco da edição do dia 18 out., uma gama de possibilidades de discussão referente a um assunto de interesse feminino que é o cuidado com os cabelos. Algo, a princípio, sem conteúdo mais consistente e mais voltado para a vida privada do que o interesse público, mas que rende um bloco por inteiro do programa.

Ao construir este mundo, tomando como foco o assunto “como cuidar dos cabelos”, observa-se outra característica que é a mistura da informação e do caráter de entretenimento (Gomes, 2004.). O bloco é pautado pela exposição de dados coletados por pesquisas

referentes à preferência feminina por tipos de cabelo, o que utilizam para tratar desses e qual tonalidade preferem. A jornalista Mônica Waldvogel ainda comenta o resultado das pesquisas, cuja opção “ser morena” tem a preferência das entrevistadas, uma vez que o estudo foi feito na Europa, cujas mulheres são, em sua maioria, loiras.

Diante dos dados, começa o relato de casos pessoais mencionados por Betty Lago e Maitê Proença que contam, de maneira leve e cômica, a experiência do “estilo permanente” feito em Nova York e que deu errado quando chegou ao Brasil. Quando entram na questão do tempo que as mulheres gastam ao pensar nos cabelos, um vídeo é exibido e mostra Betty Lago, em pouco mais de um ano, com inúmeras versões de cabelo no decorrer do *Saia Justa*. Betty Lago confessa que a sua rebeldia foi atrelada à cabeça e à mudança de corte. Comentário que remete ao assunto discutido no primeiro bloco do programa. Na discussão da questão, a filósofa Márcia Tiburi apresenta sua perspectiva. “*Quanto mais eu vejo vocês falando de mulher, mais eu me sinto um homem*”.

No entanto, o universo feminino construído por *Saia Justa* não pode ser caracterizado apenas por tratar questões de ordem privada e íntima que levariam a uma certa banalização do papel da mulher na sociedade contemporânea. De uma forma descontraída, são inseridas temáticas de interesse público. No dia 04 out. 2006, foram apresentados e discutidos os resultados das eleições, tanto para a presidência quanto para os cargos legislativos. As apresentadoras fizeram comentários diversificados, desde a crítica à eleição de políticos corruptos como a defesa de um segundo turno na eleição presidencial para que os eleitores tenham mais tempo para decidir em quem votar. Na edição de 11 out. 2006, foi inserida a discussão sobre o fato de as mulheres terem menos filhos hoje em dia e os possíveis fatores que explicariam tal tendência.

Ainda com uma referência à esfera pública, o programa insere na edição do dia 18 out. 2006 o tema rebeldia, articulando com o movimento *hip-hop*. No dia 25 out. 2006, o

consumismo é um dos assuntos centrais do programa. Percebe-se, no entanto, que, mesmo quando são discutidos assuntos de interesse público, há uma mistura de entretenimento, principalmente no tom descontraído com o qual são abordados e na forma como o assunto é desenvolvido, com comentários pessoais, que esvaziam o debate. Conforme afirma Gomes (2004), a mídia tem um caráter espetacular e tende a tornar tudo entretenimento.

Dada à centralidade da mídia (Rodrigues, 1997; Thompson, 1999), é importante ressaltar que é, a partir do programa, que os assuntos tornam-se realidade, ganham relevância e até mesmo um caráter polêmico. Na edição do dia 04 de outubro, isso pode ser exemplificado com a leitura de um *e-mail* de uma telespectadora que diz praticar *swing* para satisfazer o marido.

No decorrer do primeiro bloco da edição do dia 18 out., após discussão sobre rebeldia e movimentos *hip-hop* - como ferramenta para inserir cultura e criar uma linguagem particular na favela - Maitê Proença pergunta às apresentadoras qual foi a maior rebeldia que cada uma cometeu no decorrer da vida. Entre todas as respostas, a de Ana Carolina, que diz “*filha de mãe solteira, comecei a transar com meninos e depois com meninas, peguei, ainda jovem, um violão para tocar...*” nem precisou ser completada para que a discussão sobre rebeldia fosse encerrada, passando-se a discutir a vida particular da cantora, no que diz respeito à sua aceitação pela sociedade. Por mais que as apresentadoras não tornem o caso polêmico, apenas a atitude de modificar o assunto em torno da questão, tratando-o com exclusividade, torna o caso privado destacado.

B – O papel dos enunciadores e as relações de poder presentes na linguagem

Outra discussão que se faz importante é acerca da linguagem na medida em que esta implica relações de poder. Conforme aponta Barthes, citado por Ribeiro (2006), o discurso

relaciona-se à idéia de poder, porque é contextualizado socialmente e tem a ver com sujeitos de fala que detêm determinadas posições na sociedade.

Ao analisar o Programa *Saia Justa*, alguns assuntos podem ser considerados sob este prisma, inclusive a questão da própria escolha de determinadas palavras. Um exemplo está no início do terceiro bloco do *Saia Justa* exibido no dia 04 out., quando Mônica Waldvogel lê um *e-mail* que critica as apresentadoras, justamente em decorrência das brigas de egos e poder muito freqüentes na televisão, o que torna o programa chato e burocrático.

Maitê Proença concorda com *e-mail* e acha que, às vezes, a telespectadora tem razão. Ao se justificar, exemplifica traçando um paralelo de universos femininos e masculinos. “*Se você coloca um assunto na mesa para cinco homens, eles discutem o assunto. Mas se colocar o assunto para cinco mulheres e elas sabem que estão sendo vistas, por baixo fica uma briga de vaidade. Tipo, como vou fazer para ser mais inteligente do que ela? Algo subliminar que rola*”. Márcia Tiburi faz o contraponto não concordando, mas admite se achar um homem e, talvez por isso não sentir essa necessidade de cuidado com as palavras e exposição de idéias que Maitê Proença descreveu.

A palavra remete à polifonia de sentidos e relações de poder, conforme afirma Barthes, citado por Ribeiro (2006). Isso fica evidente no confronto de posições entre as apresentadoras Maitê Proença e Márcia Tiburi, quando a filósofa alfineta a atriz argumentando que, muitas vezes, as mulheres banalizam os assuntos. Observa-se, portanto, um certo conflito no processo de enunciação entre as integrantes do programa.

Se as apresentadoras detêm o poder da enunciação em boa parte dos programas, por outro lado é aberto também espaço para que os telespectadores se manifestem através de *e-mail*, além da participação de convidados, o que traz a idéia de uma certa interatividade. Nesse sentido, a estrutura do programa dá voz ao telespectador para que o mesmo possa se posicionar diante das questões debatidas, não se limitando a expor situações pessoais para

serem discutidas na “mesa-redonda”. Além disso, pode encaminhar as suas críticas e sugestões sobre o programa.

Na maior parte das vezes, observa-se que os telespectadores participam reafirmando a linha do programa. A maioria dos *e-mails* lidos refere-se a assuntos de cunho pessoal, como no caso da mulher que se apaixonou pelo marido da amiga e uma outra que se sente mal por ter aceito uma relação aberta com o marido que passou a ter várias amantes.

Também a participação de entrevistados é uma forma de enriquecer o programa, mas que tende a reforçar o universo feminino na mesma perspectiva proposta no *Saia Justa*. O escritor Santiago Nazarim, por exemplo, aparece na edição do dia 18 out., solicitando uma resposta, de caráter íntimo, das integrantes do programa, quando questiona sobre o tipo de homens que elas preferem.

Retomando a questão do poder implícito no uso da linguagem, no caso do programa analisado, pode-se considerar que dar voz ao telespectador e apresentar pontos de vista conflitantes têm um certo caráter democratizante.

4.4.2 A representação da mulher e a construção de identidade no Programa *Saia Justa*

A – Papéis sociais

Goffmann (1999) trabalha a idéia de que a vida social é um grande teatro, em que os sujeitos atuam o tempo todo. Para representar, os indivíduos, frente ao outro, dependendo da circunstância, do interlocutor e do assunto, mudam de máscaras sociais. Nesse sentido, o programa *Saia Justa* é muito rico por trazer uma multiplicidade de papéis assumidos pelas apresentadoras ao trabalharem com diferentes temas e com enunciadores diversos – dialogam

entre si, dialogam com os espectadores, dialogam com os entrevistados e dialogam com o público que participa via *e-mail*.

O Programa *Saia Justa* pode ser muito bem articulado à concepção de Goffman. As apresentadoras/personagens estão o tempo todo representando papéis sociais diferentes. A apresentadora Maitê Proença, por exemplo, assume nas discussões uma postura sempre com “ar sereno”. Ela assume no programa o papel de atriz, super mãe e escritora, o que possibilita opinar sobre diferentes temas em decorrência também das suas várias viagens que relata no decorrer do programa. Maitê apresenta um vestuário leve, de cores mais claras. Sua postura no cenário, quase sempre, é com as pernas cruzadas, na conhecida “posição de índio”, e com os pés descalços. Os apetrechos pessoais que compõem o cenário atrás de Maitê são um quadro com fotos de coração, colorido em tonalidades harmônicas e uma estatueta de bronze em formato de chimarrão, que serve também como porta – incenso. Descrições que observadas já falam um pouco do lado zen, viajado e acolhedor da apresentadora.

Já a apresentadora e filósofa Márcia Tiburi apresenta um vestuário sempre original e despojado, a seu estilo, sem se prender a padrões, como, por exemplo, o cabelo anelado sempre bem à vontade, solto e volumoso. O que não é esteticamente comum no dia-a-dia televisivo. Em seus posicionamentos, quase sempre é o contraponto do programa, como uma opinião mais racional, baseada em argumentação teórica, ao invés de emotiva. Na discussão sobre “como cuidar dos cabelos”, a filósofa Márcia Tiburi apresenta sua perspectiva, “quanto mais eu vejo vocês falando de mulher, mais eu me sinto um homem” e, ao opinar sobre casamento aberto, no programa do dia 18 out., Márcia Tiburi pega um dos livros que compõe o seu cenário e diz:

Assim como não existe governo revolucionário na teoria marxista, por ser contradição, também não existe casamento aberto, porque é uma contradição. Muitas pessoas entram nessa de casamento aberto, mas

casamento não é aberto e aberto não é casamento. Nunca conheci uma mulher feliz em conviver com essa contradição. (TIBURI, 2006).

O fato de ser apresentada cercada por livros e assumir uma postura diante os temas discutidos sempre polêmica no programa descrevem características do papel social da apresentadora no programa, de intelectual e nada feminista.

A apresentadora e cantora Ana Carolina é acompanhada pela presença do violão no cenário. Com vestuário básico, como jeans e jaquetas, ela assume uma postura também pouco feminista e mais racional, além de independente, na idéia de ser liberta de pré-conceitos diante das discussões. Quando fala da sua rebeldia, descrita no item anterior, Ana Carolina exemplifica sua representação no programa *“filha de mãe solteira, comecei a transar com meninos e depois com meninas, peguei, ainda jovem, um violão para tocar...”*.

A atriz Betty Lago é mãe, mas não adota uma postura maternal no programa, como Maitê Proença. Betty assume uma postura mais moderna, bem de acordo com seu visual, roupas e cabelo sempre alternado nas edições dos programas. O objeto que compõe cenário com a apresentadora é sua bolsa pessoal (cada programa, uma diferente) e uma vaquinha de porcelana vermelha. Sempre apta a mudanças, não possui um padrão estabelecido de posicionamento e é difícil caracterizar um papel exclusivo que exerce no programa. Seria, talvez, a mais imprevisível das apresentadoras.

Por último, a âncora do programa, a jornalista Mônica Waldvogel, é a responsável em dar ritmo ao programa, como pautar os assuntos e definir o momento em que dará início a determinada discussão. Um adereço vermelho moderno, sem forma determinada, é o objeto que preenche o cenário ao lado da apresentadora. Mônica Waldvogel apresenta sempre um posicionamento mais neutro, representa uma mediadora nos debates. Por sempre fazer as chamadas, inserir o assunto em questão ou chamar determinado quadro ou depoimento, ela deixa com que as outras quatro discutam. No entanto, faz comentários, na maioria das vezes,

sutis, mas provocantes, instiga e cria novas abordagens à discussão de determinado assunto. A jornalista seria também a mais neutra no visual de maneira geral. Mistura o básico, com o elegante e o sofisticado.

No decorrer do segundo bloco, da edição do dia 04 out., Mônica Waldvogel lança a pergunta “*Como se livrar de personagens encenados? É um processo demorado?*”, o que ilustra o momento de representação das também atrizes do programa, Betty Lago e Maitê Proença.

Em meio a muita representação e gesticulação, Maitê Proença relata um caso que fez com que perdesse a timidez para personagens nus.

Eu fui para a Europa, ficar nesses albergues de homens e mulheres, mais baratinhos. Me levantei em uma manhã, cheguei no banheiro e me deparei com um europeu enorme, pelado, escovando os dentes. Fiquei impressionada porque o pinto dele balançava muito. Falei, ‘oh, oh, I’m sorry!’ e sai. E a cara dele foi de tanta normalidade que passei a achar normal, né? (PROENÇA, 2006).

Já Betty Lago brinca ao afirmar que sempre teve problema com personagem e que por um tempo não conseguiu dormir sem o bigodinho do personagem da novela *Bang Bang*. Márcia Tiburi opina. “*Isso deve fazer muito bem para a pessoa. Quando você faz um personagem, você se exterioriza, se relaciona com uma coisa que não é sua*”. Maitê Proença, mais uma vez, ganha espaço na discussão ao relatar sua experiência pessoal na peça “*Achados e Perdidos*”, escrita e interpretada por ela.

Tem um quadro da peça, que são duas meninas no velório da mãe de uma delas. Para escrever esse momento, eu fui buscar inspiração e força na morte da minha própria mãe, no velório da minha própria mãe. Eu fiz isso como autora e cada noite no palco, quando eu revivo aquela situação, eu também vou catar naquela menina uma dor que ainda não passou, que ainda existe. Mas de certa forma, a cada noite eu me alivio de uma dor que ainda está ali e vai saindo. E é bom. Eu não levo para casa aquilo. Acontece ali no palco. Eu me acabo de chorar, o público chora junto e é curador. (PROENÇA, 2006).

Ana Carolina finaliza com a idéia de que seria necessário que existisse um terapeuta para fazer as pessoas normais esquecerem o próprio personagem. Essas representações podem ser relacionadas à idéia de identidade. Conforme Castells, a sociedade é constituída por indivíduos que constroem suas identidades a partir de significados absorvidos no processo de individualização. Por sua vez, esses indivíduos exercem papéis distintos na sociedade. Já Stuart Hall divide a idéia de identidade que está relacionada à globalização e ao caráter de mudança na modernidade tardia, marcada por sociedades de modificação constante, rápida e permanente.

Conforme afirmam Berger e Luckmann (1998), os indivíduos assumem papéis estratégicos quando estão no processo de socialização secundária, que dizem respeito à carreira profissional. Percebe-se que as apresentadoras, de uma forma geral, ao discutirem o tema sobre gravidez, procuram assumir um papel social de mulheres emancipadas. Márcia Tiburi, que é filósofa, procura manter um papel social bem coerente com a sua profissão, ao defender a idéia de uma mulher que vem se emancipando.

A forte representação da identidade das apresentadoras pode ser ilustrada na edição do dia 11 out., em que Mônica Waldvogel pergunta por que as mulheres estão tendo cada vez menos filhos e as respostas são estruturadas não apenas em opiniões embasadas no que acreditam, mas em experiências pessoais.

A filósofa Márcia Tiburi é a primeira a responder e acha que as mulheres estão se tornando mais donas do próprio corpo, o que no tempo da mitificação da maternidade não era possível. *“As mulheres foram ao trabalho, pararam de ser protegidas, de serem escravizadas e criaram uma consciência”*. Acredita ser uma armadilha pensar primeiro, que a mulher tem que se realizar e que para se realizar tem que ser como mãe.

A cantora Ana Carolina, que tem uma carreira consolidada no cenário musical até por ter uma atitude de mulher emancipada inclusive nas suas escolhas sexuais, completa ao

afirmar que a mulher está mais independente e pode sim não se ter filho e ser uma mulher realizada. Uma consciência que antes não fazia parte do universo feminino. Tal afirmativa complementa o pensamento da filósofa Márcia Tiburi.

A jornalista Mônica Waldvogel acrescenta que, quando as mulheres começam a fazer carreira, as prioridades se modificam. Márcia Tiburi complementa, ao afirmar que pode ser uma armadilha da vida feminina. Quando a sociedade afirma que ter filho é importante para não ter uma velhice solitária, para a filósofa, isso é um mito, porque os filhos são criados para o mundo e na velhice, mesmo com filho, a mulher será sozinha.

Esta opinião, no entanto, é, de certa forma, contraposta, quando Maitê Proença relata sua experiência com a maternidade. No momento que engravidou descobriu o sentido de tudo e se sentiu integrada no mundo da criação. *“Eu, a cabra, a vaca, a girafa. Nós éramos todas procriadoras. Me fez um bem enorme. Me senti irmanada com a avestruz”*.

De acordo com as respostas, é possível fazer uma retrospectiva do papel marcante de cada apresentadora. O lado “super mãe” de Maitê Proença, a postura de âncora, de mediar e propor novas abordagens ao tema de Mônica Waldvogel, a opinião embasada em uma análise do processo de evolução e atual contexto da filósofa Márcia Tiburi e o posicionamento mais independente de Ana Carolina. Betty Lago, que não se posiciona nesse debate, revela o seu lado imprevisível, pois mesmo já tendo experimentado a maternidade não se posiciona diante a questão.

A partir daí, o programa mostra o conflito e os dilemas da mulher entre a emancipação e o ser mãe. Mônica Waldvogel aponta este lado conflitante de angústia e nostalgia que muitas mulheres grávidas sentem. *“Esse sublime não é alcançado por todas e tão facilmente, muitas são acompanhadas na gestação por angústias. Parece que é tudo natural, mas cada mulher reage de uma maneira ao processo”*.

Márcia Tiburi contribui com a idéia. *“As mães têm que ser libertas. Elas parem e se transformam em uma natureza esquizofrênica. Você é você e mais aquele. A mulher se torna um monte de ‘eus’ e não se domina mais. Ela perde aquela subjetividade cartesiana e ainda é culpada por esse conflito”*.

B – O dilema do que é ser mulher

Como se trata de um programa com enfoque de temas femininos, é evidente que cai nos dilemas do que é ser mulher. Nesse sentido, pode ser verificada ainda a questão colocada por Freud do que é ser mulher (Oliveira, 2004). No terceiro bloco do dia 18 out. entra o quadro do programa denominado “Lado B” e, como convidado, o escritor Santiago Nazarian lança a seguinte pergunta:

Imagina que não existisse mais homem no mundo. Todos tivessem morrido afogados, queimados, acabado todos. Você chega e encontra na porta da sua casa um animal. E quando beijar esse animal ele vai virar o homem da sua vida. Que animal gostaria que fosse? Mas não de beijar, e sim a personalidade de qual animal gostaria que esse homem adotasse quando o beijasse? (NAZARIAN, 2006).

Fica claro que se trata de uma questão que remete ao universo feminino, procurando instigar as apresentadoras, no papel de mulheres, sobre que tipos de homem buscam. Márcia Tiburi é a primeira a responder *“Grande pergunta, não tenho dúvida do animal. Penso no horóscopo chinês, com certeza escolheria um tigre. Ele olha e pula em cima de você. Tudo que eu queria”*.

Ana Carolina, no mesmo momento que a filósofa começa a responder, concorda com a opção pelo tigre. Já Betty Lago apresenta uma outra opção. *“Eu queria uma águia enorme. Queria voar com ele. Ou um lobo, para no final de tudo me comer”*. Mônica Waldvogel não muito interessada à questão afirma *“eu e analogia de animais não dou conta. Eu penso em um bicho que fosse aconchegante... um urso”*. Como última a expor, Maitê Proença polemiza.

“Já que a Márcia roubou o tigre, meu homem, agora eu quero um pegasus. Um cavalo lindo, que voe e me leve nas costas”.

Diante da pergunta, as apresentadoras, ao responderem e darem explicações, instigam o telespectador também a pensar em uma resposta para a questão. Além de entreter as apresentadoras que se divertem com a pergunta, o quadro aproxima e chama o telespectador para participar da “brincadeira”.

C – Os dilemas da mulher contemporânea: submissão e/ou emancipação

Castells (1999) pontua sobre a busca de emancipação da mulher a partir dos anos 70 do século XX, quando emergem os movimentos feministas. Beauvoir (1980), no entanto, polemiza ao escrever o livro “Segundo sexo” e apontar que a mulher ainda é um ser inferior que vive dilemas por não conseguir assumir uma posição independente frente ao poder do homem.

O programa traz riquezas do ponto de vista empírico ao mostrar esses dilemas da mulher contemporânea. No terceiro bloco da edição do dia 18 out., Márcia Tiburi coloca em aberto o caso particular de uma amiga que namora há muitos anos. Quando decidiu casar, propuseram (amiga e futuro marido) o casamento aberto, fator que era muito importante para ele. Com o tempo, ela acaba desgostando da situação, já que ele se relacionava sexualmente com muitas mulheres e ela não se envolvia com ninguém. Mas como ela tinha concordado, não via nada de errado e somente não transava com outros homens por falta de competência dela. Ela gosta dele, mas não quer mais a situação. Qual a saída?

Tal situação faz lembrar a discussão de Beauvoir (1980) que cita o caso das mulheres que tentaram criar um local em que pudessem freqüentar com homens que fizessem o papel de parceiros sexuais assim como os homens faziam com os prostíbulos. No entanto, a autora

diz que a iniciativa foi um fracasso, pois as mulheres não deram conta de assumir este papel e viviam crise de consciência. O local era pouco freqüentado e acabou fechando.

Retomando o programa e a discussão sobre a mulher com o seu casamento aberto, Mônica Waldvogel acredita não ter mais volta. Maitê Proença opina que ela pode se colocar *“Oh, você já passou dez anos fazendo o que você quis, será que é possível ter um casamento formal, do jeito que é possível para mim?”* Betty Lago já responde *“Não, não pode”*. Maitê prossegue, alegando que, se ele puder, será um aprova de amor, caso contrário... A apresentadora se mantém em silêncio. Ana Carolina é incisiva. *“Ele tinha um monte, agora voltar somente com ela, não dá. Acabou, acabou. Tem que partir para outra”*.

Betty Lago complementa *“é uma necessidade de se dizer moderno. É uma fachada que criam para se auto-afirmar em sintonia com a modernidade”*. Logo em seguida, Mônica Waldvogel finaliza com uma opinião sutil e provocante *“se a mulher é sexualmente ativa, o homem também não agüenta segurar essa de casamento aberto”*.

4.4.3 A comunicação de massa e a linguagem televisiva

A construção da identidade da mulher é feita, no entanto, neste caso, num programa de televisão, na chamada quase-interação (Thompson, 1999). Conforme afirma o autor, uma das principais características da comunicação de massa é a mercantilização das formas simbólicas. Neste sentido, o programa traz apelos mercadológicos. O fato de se tratar de um programa segmentado já é uma alternativa com fins lucrativos. Feito por mulheres, o programa discute assuntos diversificados de interesses femininos e possui todo um aparato para agradar esse público em específico, como um cenário *cleen*, moderno e sofisticado. Os anúncios do intervalo do programa são, nas quatro edições analisadas, os mesmos: materiais de limpeza diversificados e produtos de beleza, como um sabonete líquido para a intimidade

da mulher. Gomes (2004) enfatiza que a mídia surgiu para atender a uma demanda do sistema produtivo capitalista.

Em função do caráter mercadológico, Gomes (2004) ressalta que uma das estratégias é dar ênfase ao caráter de entretenimento, divertir o público. Apesar do programa ter um apelo mercadológico e trazer questões que apelam para o lado mais íntimo e exploram o entretenimento, o *Saia Justa* funciona com um espaço de debate e de abertura para a mulher. Conforme afirma Thompson (1998), uma das características da comunicação de massa é a circulação pública das formas simbólicas. Assim, o programa, ao expor dramas e dilemas do sexo feminino, contribui para que elas podem também refletir sobre questões práticas e atuais do seu cotidiano.

Isso pode ser mostrado no programa do dia 04 out., em que é colocado em discussão um *e-mail* polêmico sobre uma telespectadora que diz praticar *swing* para satisfazer o desejo exclusivo do marido, porque atualmente desgosta da relação permissiva. Mas ela confessa viver o dilema de expor a sua insatisfação e acabar por perder o marido ou ser traída. A apresentadora Ana Carolina afirma que, além de a mulher estar infeliz ao aceitar tal situação, está, acima de tudo, traindo a si própria. Nesse momento, justifica-se a atitude feminina com a afirmação que “*a mulher age muito com e pelo desejo do homem. Em agradar e não pensa em si mesmo. O que é uma pena e muito chato, mas faz parte do processo*”, o que exemplifica em questões práticas a idéia de Ferreira (2007), de que a mulher está no meio do caminho entre a submissão e a emancipação.

Outra características apontada por Thompson é a nova dimensão espaço e temporal. As apresentadoras podem resgatar discussões e apresentam um programa gravado que permite uma representação controlada. Como no programa exibido dia 04 out., em que o assunto destaque do primeiro bloco foi eleições. Num tom de indagações, as integrantes do programa discutiram sobre o resultado das eleições, realizada no domingo, dia 01 out. 2006 – três dias

antes da exibição do programa - em que Lula do PT e Geraldo Alckmin do PSDB foram para segundo turno disputar cargo a presidência. Fizeram ainda comentários sobre a vitória de Collor (senador) e Clodovil (deputado federal). No mesmo domingo de resultado eleitoral, o acidente entre jato Legacy e Boeing da Gol também foi informado no programa. Com esses acontecimentos, ainda recentes e frescos na mídia, as apresentadoras resgatam a idéia de temporal de programa.

Por isso, se formos discutir os paradoxos da visibilidade, segundo Thompson (1999), pode-se afirmar que ao mesmo tempo em que é possível buscar formas de controlar e administrar a aparição pública, líderes políticos, celebridades, apresentadores e debatedores de televisão, entre outros indivíduos que estão expostos nos meios de comunicação de massa, correm quatro tipos de riscos de visibilidade: os escândalos, o vazamento de informações comprometedoras, gafes e atitudes explosivas. As apresentadoras, ao assumirem diversos papéis sociais, estão o tempo todo submetidas a estes riscos de visibilidade. Mesmo que os programas sejam gravados e exista um certo controle do que vai ao ar, não necessariamente a postura das integrantes será bem recebida pelo público.

A circulação pública das formas simbólicas é um aspecto positivo apontado por Thompson (1999). O programa coloca em discussão assuntos de interesse público, como maternidade, sexo e principalmente questões de comportamento como traição, ciúmes e cumplicidade feminina e masculina.

Thompson afirma ainda que é necessária a utilização de um meio técnico. Isso implica na adaptação a determinado discurso, no caso, a lógica televisiva. A representação da mulher se dá num espaço midiático específico, que é a televisão, que impõe a adaptação a uma lógica. Conforme afirma Rezende, na TV, imagem e texto é a fórmula ideal para atrair a máxima atenção de telespectador. E alerta que, embora texto e imagem devam sempre andar juntos, a

imagem é mais forte do que a palavra, pelo fato de permanecer gravada no cérebro do telespectador depois que a notícia já foi esquecida.

Como exemplo, pode ser citado o programa exibido dia 04 out., que, em meio a muita representação e gesticulação, Maitê Proença relata o caso que fez com que perdesse a timidez para encenar personagens nus, citado anteriormente. Ela conclui a sua fala com a seguinte frase. *“Fiquei impressionada porque o pinto dele balançava muito...”* Quando usa tais expressões, a imagem da atriz gesticulando e com a feição articulada fica certamente registrada e mais forte do que suas palavras na mente do telespectador.

O programa, ao utilizar como meio técnico a televisão, atende aos seus propósitos, por ser uma forma interessante de mesclar informação e entretenimento, numa iniciativa direcionada ao público feminino. A escolha de cinco apresentadoras, que debatem num ambiente descontraído e em forma de mesa-redonda, mas num tom informal, é uma boa adaptação à linguagem televisiva. A performance das apresentadoras e o bom casamento entre texto e imagem, num programa de debate com boa dose de diversão, tornam o programa bem-sucedido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, que se estendeu durante um ano, desde a elaboração do projeto, muitas indagações surgiram sobre a construção da identidade feminina, tomando como referência a representação da mulher no espaço televisivo. Para realizar o trabalho, optou-se por fazer o recorte do programa *Saia Justa* do canal *GNT*, da rede *Globosat Canais*.

A pesquisa, como é focada em algumas edições do programa, não tem a pretensão de chegar a respostas conclusivas sobre uma temática tão complexa como é a discussão sobre a identidade da mulher na contemporaneidade. Foi articulada uma discussão teórica que pudesse trazer riqueza em termos de argumentos e conceitos para a construção do estudo de caso. Nesse sentido, criou uma interface de várias áreas do conhecimento das Ciências Sociais Aplicadas e das Ciências Humanas, como autores da Sociologia, da Semiologia, da Psicologia e Psicanálise e, principalmente, do campo da Comunicação.

Num primeiro momento, pode-se destacar as contribuições teóricas dos autores da Sociologia do Conhecimento, como Berger e Luckmann (1998), que discutem o papel da linguagem na construção social da realidade. Tal argumento articula-se com a idéia da centralidade que a mídia ocupa na atualidade, ao se constituir como espaço público privilegiado de construção das identidades (Rodrigues, 1997; Thompson, 1999). Destaca-se, ainda, a importância da linguagem e suas implicações de poder, no trabalho de Ana Paula Goulart Ribeiro (2006), que resgata os princípios da Semiologia da obra de Roland Barthes.

Tendo por base a concepção de centralidade da comunicação, fez-se necessário discutir a inserção hegemônica da televisão no cenário da mídia brasileira (Wolton, 1996; Brittos, 1999; Rezende, 2000). Se a vida social é considerada uma constante encenação,

conforme explica Goffman (1999), com a proliferação dos meios de comunicação, tem-se a emergência de uma cultura de massa, que mescla, cada vez mais, informação e entretenimento, além de exacerbar o caráter de teatralização do cotidiano. Nesta linha de análise, Gomes (2004) é utilizado no trabalho por enfatizar os mecanismos de espetacularização da mídia, que a torna uma fonte de diversão.

Por último, com base na Sociologia (Castells, 1999; Stuart Hall, 2001) e na Psicologia e Psicanálise (Beavouir, 1980; Oliveira, 2004), foi construída a concepção de identidade feminina. Ferreira (2007), por sua vez, trouxe contribuições ao mostrar os dilemas da mulher na contemporaneidade, que oscila entre a submissão e/ou emancipação.

Ao desenvolver a análise de conteúdo do *Saia Justa*, constatou-se que os assuntos discutidos no programa são estruturados basicamente pela bagagem cultural e vivências pessoais de cada apresentadora, o que contribui para compreender a representação dessas apresentadoras/personagens e como essas são capazes de construir a imagem feminina veiculada pela televisão brasileira.

É necessário ressaltar que as diferentes imagens que cada apresentadora/personagem demonstram ao telespectador já são pré-determinadas, devido às características pessoais de cada integrante fortemente evidenciada no programa. A âncora Mônica Waldvogel é jornalista e tem registrado no currículo trabalhos como apresentadora de programas e jornais diversos. A imagem extrovertida da atriz carioca Betty Lago, que estreou no cinema na década de 70, é refletida não só em sua maneira de se posicionar nos fatos, como em seu corte de cabelo despojado e em seu figurino. Já a filósofa Márcia Tiburi é a imagem da mulher culta e centrada, que, para cada situação, possui uma referência teórica para embasar e qualificar seus comentários. A atriz e escritora Maitê Proença é a mãe de família típica da atualidade. Preza em cuidar da família, trabalha fora e busca estar atualizada com o mundo. Possui uma coluna na revista *Época*, publicou um livro de autoria própria 'Entre os ossos e a escrita' e escreve

peças teatrais. Por último, a cantora Ana Carolina, que tem sempre por perto o violão, seu instrumento de trabalho. Declarada bissexual, a cantora assume uma postura desprovida de preconceito nas situações contemporâneas mais diversas.

Pôde ser constatado que o *Saia Justa*, ao se constituir um programa de entretenimento, traz uma característica forte da cultura de massa, que é a mistura constante de temáticas que rompe com as fronteiras entre o público, o privado e o íntimo. Os assuntos tratados pelas apresentadoras oscilavam de debates de interesse público, como o resultado das eleições presidenciais e da mudança de comportamento das mulheres em relação à maternidade que tendem a ter cada vez menos filhos, a questão de natureza privada e íntima, como o cuidado com cabelos, as relações afetivas, até depoimento sobre sexo como a prática de *swing* e o casamento aberto.

Observou-se que, nas quatro edições analisadas, foram priorizados temas relacionados à vida privada. Mesmo os assuntos de interesse público, acabam caindo em depoimentos pessoais das apresentadoras, como foi o caso da rebeldia, que começou com a discussão sobre o movimento *hip-hop* e terminou com o relato de cada personagem sobre o seu maior ato de rebeldia praticado em suas vidas. A cantora Ana Carolina chegou a tratar da sua opção bissexual, quando, na adolescência, já tinha uma postura de contestação às regras estabelecidas e não tinha problemas em ter relações sexuais tanto com meninos como meninas.

Por fim, deve ser destacado que o trabalho permitiu analisar como a mídia permite a diversidade de representação de papéis sociais (Goffman, 1999), o que é comum na vida cotidiana e que também se verifica no espaço público midiático. Obviamente, como aponta Gomes (2004), trata-se de uma encenação mais espetacularizada, porque acontece frente às câmeras para um grande público.

A partir do trabalho teórico e analítico, foi possível avançar na compreensão de várias temáticas polêmicas da atualidade. Sem dúvida, a mídia e em especial a televisão configura-se como um espaço público privilegiado e de grande influência sobre o público. Assim como na vida cotidiana, o ser humano, via linguagem, constrói versões do real, transfigura-se em diferentes papéis sociais e torna complexa a sua existência. Por isso, foi importante compreender como a mulher ainda enfrenta um grande dilema. Se, por um lado, ela é convocada a assumir um papel de emancipação, independente, por outro, vive o conflito de ter que atender às exigências impostas pela sociedade patriarcal – ser mãe e continuar ocupando a posição de mero objeto.

REFERÊNCIAS

Livros

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. São Paulo: Europa do Livro, 1980.

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRITTOS, Valério Cruz. "A televisão no Brasil, hoje: A multiplicidade de oferta". In: Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: Editora da Umesp, nº 31, 1º semestre de 1999, p.9-34.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas, 1999.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A EDITORA, 2001.

OLIVEIRA, Ana Lúcia Osório. **Um olhar sobre a histeria: do teatro histórico ao palco contemporâneo da sociedade do espetáculo**. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES). Juiz de Fora, 2004.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Ed. Summus Editorial, 2000.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. “**Discurso e poder:** a contribuição barthesiana para os estudos de linguagem”. Artigo apresentado na Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro(UFRJ:ECO), 2006.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da Comunicação.** Lisboa: Editorial Presença, 1997.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público:** uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Editora Ática, 1996.

Endereços Eletrônicos

MARCIATIBURI. Disponível em: <<http://www.marciatiburi.com.br/curriculo.htm>> Acesso em: 25 out. 2006.

ROWELL. Maria Helena. **Complexo de Édipo.** Disponível em: <http://www.geocities.com/~mhrowell/complexo_de_edipo.html> Acesso em: 25 out. 2006.

WIKIPÉDIA. Enciclopédia eletrônica. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ana_Carolina_\(cantora\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ana_Carolina_(cantora))> Acesso em: 25 out. 2006.

WIKIPÉDIA. Enciclopédia eletrônica. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Betty_Lago> Acesso em: 25 out. 2006.

WIKIPÉDIA. Enciclopédia eletrônica. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Fernanda_Young> Acesso em: 25 out. 2006.

WIKIPÉDIA. Enciclopédia eletrônica. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Luana_Piovani> Acesso em: 25 out. 2006.

WIKIPÉDIA. Enciclopédia eletrônica. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%B4nica_Waldvogel> Acesso em: 25 out. 2006.

WIKIPÉDIA. Enciclopédia eletrônica. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mait%C3%A7a_Proen%C3%A7a> Acesso em: 25 out. 2006.

WIKIPÉDIA. Enciclopédia eletrônica. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Marina_Lima> Acesso em: 25 out. 2006.

WIKIPÉDIA. Enciclopédia eletrônica. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Marisa_Orth> Acesso em: 25 out. 2006.

WIKIPÉDIA. Enciclopédia eletrônica. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Rita_Lee> Acesso em: 25 out. 2006.

Entrevista

ENTREVISTA com Leila Ferreira. Entrevistadora: Luciana Laborne Valle de Castro. Belo Horizonte, 30 mar. 2007.

Programas Analisados

SAIA Justa. Canal GNT. 04 out. Brasil, 2006.

SAIA Justa. Canal GNT. 11 out. Brasil, 2006.

SAIA Justa. Canal GNT. 18 out. Brasil, 2006.

SAIA Justa. Canal GNT. 25 out. Brasil, 2006.